

ÉRICA LUCIENE ALVES DE LIMA

**A TRADUÇÃO DE TERMOS PSICANALÍTICOS: UMA
REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DE TRADUÇÃO NA
TRANSMISSÃO E NA CONCEITUAÇÃO DA PSICANÁLISE.**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Linguística Aplicada na
Área de Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
1996

UNIDADE -BC
 N.º CHAMADA: T/UNICAMP
 L 628t
 V 28172
 667/96
 D X
 PR CO R\$ 11,00
 DATA 10/08/96
 N.º CPD

CM-00091435-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
 BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

L628t

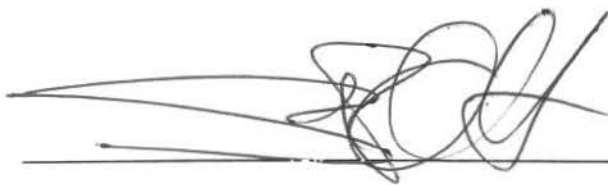
Lima, Érica Luciene Alves de

A tradução de termos psicanalíticos : uma reflexão
 sobre os efeitos de tradução na transmissão e na
 conceituação da psicanálise / Érica Luciene Alves de
 Lima. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador: Paulo Roberto Ottoni.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
 Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tradução e interpretação. 2. Psicanálise. I. Ottoni,
 Paulo Roberto. II. Universidade Estadual de Campinas.
 Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.



Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni - Orientador



Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite



Profa. Dra. Maria Augusta B. de Mattos

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Erica Luciene
Alves de Lima
e aprovada pela Comissão Julgadora em
22, 07, 1996.

Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni

Aos meus pais, Adauto e Cecília,
por terem me ensinado a nunca desistir de minhas
aspirações.

AGRADECIMENTOS

Ao Marquinhos, meu namorado, pela força, pela paciência e pela presença, mesmo quando distante.

Aos meus irmãos, Daphne e Alex, pelo incentivo e por acreditarem em mim em todas as circunstâncias.

Ao Paulo, pela orientação, pelas leituras criteriosas e por ter entrado neste projeto comigo, apostando nele desde o começo.

Às professoras Maria Augusta B. de Mattos e Nina Virginia de Araújo Leite, pelas sugestões durante o Exame de Qualificação, e em especial a esta última, por ter acompanhado o desenrolar deste trabalho.

À Cristina Carneiro Rodrigues, minha professora na graduação, por ter despertado o interesse pela Teoria da Tradução.

A meus colegas do Instituto de Estudos da Linguagem, especialmente Lucinéia Vilella, pelo apoio, e Viviane Veras, pela cuidadosa revisão desta dissertação.

À Capes, pelo auxílio financeiro sem o qual este trabalho não seria realizado.

RESUMO

Esta dissertação tem como ponto de partida a tradução de um texto psicanalítico de Martin Thom (1981): *Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: uma questão de interpretação em Freud*, na qual se discute a utilização de vários termos para designar um mesmo conceito e as implicações disto para a psicanálise. A tradução não só permite que percebamos essa multiplicidade de traduções para um termo psicanalítico como tem um papel fundamental para a discussão da conceituação da psicanálise.

Mediante a análise de críticas às traduções psicanalíticas, este trabalho se propõe a considerar a tradução da psicanálise a partir de determinadas peculiaridades, caracterizada por um entrelaçamento entre o poder das instituições, a postura de alguns psicanalistas perante a tradução e sua preocupação com a organização conceitual. O objetivo final se constitui em empregar a investigação das *fissuras* proposta por Thom à tradução e ao mesmo tempo relacionar essas *fissuras* ao *noyau*, de Nicholas Abraham, e ao *espaçamento*, de Jacques Derrida.

A pertinência desta dissertação se faz sentir na medida em que se propõe a considerar a tradução como fundamental para o desenrolar da psicanálise e a própria psicanálise como possibilitadora desta influência da tradução, a partir de suas várias leituras, interpretações e desenvolvimentos.

ABSTRACT

This dissertation starts off with the translation of a psychoanalytic text by Martin Thom (1981): *Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud*, in which we discuss the use of various terms do designate the same concept and the implications of this for psychoanalysis. The translation not only shows us this multiple usage but also how it plays a fundamental role in the discussion of psychoanalytic concepts.

Through an anlysis of criticisms of psychoanalytic translations, this work proposes the consideration of the translation of psychoanalysis starting with individual characteristics, such as the interconnection between the power of institutions, the position of some psychoanalysts concerning translation and their concern with conceptual organization. The final objective consists of using the investigation of *fissures* in translations as proposed by Thom and at the same time relating them to the *noyau* of Nicholas Abraham and the *espacement* of Jacques Derrida.

The pertinency of this dissertation is evident in the consideration of translation as a basic to the development of psychoanalysis and psychoanalysis itself as the starting point for this influence of translation starting with its various reading, interpretations and developments.

ÍNDICE

Introdução	06
Primeiro capítulo	
1. O ponto de partida: a tradução de Martin Thom	12
2. A tradução a partir da psicanálise	18
3. Denegação e pulsão: exemplos de conflitos de tradução	25
4. A organização conceitual da psicanálise: apresentando as fissuras	34
Segundo capítulo	
1. Características da tradução freudiana: a Standard Edition e as versões francesas	41
2. A tradução de Freud no Brasil: algumas considerações	52
3. Fontes divergentes: o dicionário de psicanálise	62
Terceiro capítulo	
1. Tradução e psicanálise: além do aspecto terminológico	75
2. A questão das fissuras e do noyau relacionada ao espaçamento	95
Quarto capítulo: conclusão	
Fissuras e espaçamento, psicanálise e desconstrução	106
Referências bibliográficas	118

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é considerar a importância da tradução para a psicanálise a partir de seus efeitos no discurso psicanalítico. Estes efeitos aparecem na pluralidade de traduções as quais não se deixam reduzir a um só sentido, o que convida a uma reflexão sobre o papel da tradução para o desenrolar da psicanálise e sobre a possibilidade de a própria psicanálise ter desencadeado as várias traduções.

O que nos levou a estes questionamentos foi a tradução de um texto de Martin Thom (1981): *Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: uma questão de interpretação em Freud*, na qual se discute a utilização de vários termos para designar um mesmo conceito e as implicações disto para a psicanálise. Partindo da tradução desse texto, pudemos notar determinadas peculiaridades da complexa tradução da psicanálise, caracterizada por um entrelaçamento entre o papel das instituições, a postura de alguns psicanalistas perante a tradução e sua preocupação com a organização conceitual da psicanálise.

Thom inicia seu questionamento tecendo alguns comentários sobre as traduções inglesas e francesas de Freud em relação aos três termos do título, *Verneinung*, *Verwerfung* e *Ausstossung*, para em seguida abordá-los no interior de uma teorização psicanalítica. O autor trata de noções como *recalque*, *retorno do recalcado*, *neurose*,

psicose, *ego-prazer originário*, ora se reportando a questões teóricas da psicanálise, ora se reportando a questões de tradução, apresentando uma ligação entre o que o termo traduzido designa e as possíveis interpretações ao ser traduzido de uma maneira e não de outra. As questões teóricas são tratadas a partir da associação entre o texto de Freud *Die Verneinung* (*A negativa*) e textos anteriores ou posteriores, relacionando-os ainda a noções desenvolvidas por Jacques Lacan. Thom afirma que a distinção entre os termos *Verwerfung* e *Ausstossung*, relacionados a *Verneinung*, determinam as definições da *neurose* e da *psicose*, e conclui que é necessária uma investigação das *fissuras* na organização dos conceitos da psicanálise.

O que nos convida a problematizar a tradução de termos psicanalíticos é o fato de haver a possibilidade de escolha entre vários termos para a tradução de um mesmo conceito, e essa escolha ter consequências no interior do discurso psicanalítico. Uma vez que consideramos a tradução enquanto produção de sentidos e reflexão sobre seu próprio trabalho, podemos afirmar que a tradução tem um papel fundamental para a discussão da conceituação psicanalítica.

Ao considerarmos a tradução como algo determinante para o desenrolar da psicanálise estaremos propondo uma nova concepção da tradução, enquanto produção de sentidos e enquanto reflexão sobre a psicanálise, encarando-a dentro de uma nova perspectiva, o que acarreta outras expectativas para o trabalho dos tradutores da psicanálise.

Para nossa abordagem, recorreremos a psicanalistas e tradutores que tratam especificamente de tradução da psicanálise, entre eles Patrick Mahony, François Péraldi,

Ginette Michaud, Jean Laplanche, Marilene Carone e Paulo César Souza. Muitos outros poderiam ser citados, mas optamos por não recorrer a tradutores e psicanalistas que partiam da psicanálise para uma discussão sobre a tradução, um empreendimento que ultrapassava o que estávamos propondo. As reflexões propostas tiveram como ponto de partida a tradução e não a psicanálise, o que nos leva a afirmar que a tradução enquanto uma área de conhecimento pode ser um lugar de problematização em relação à psicanálise, mesmo que não se parta diretamente dela. O fato de termos como base a tradução levou-nos, ainda, a descartar determinados caminhos, entre os quais destacamos a via seguida por Jacques Lacan, apesar de recorrermos a um comentário seu, considerado bastante preciso e fundamental para nossa argumentação.

A pertinência desta dissertação se faz sentir na medida em que propõe considerar a tradução como fundamental para o desenrolar da psicanálise e a própria psicanálise como possibilitadora desta influência da tradução, a partir de suas várias leituras, interpretações e desenvolvimentos.

Assim, para tentar atingir meu objetivo, no primeiro capítulo apresento a questão da tradução do texto psicanalítico relacionada à maneira como é considerada na psicanálise, enfocando a preocupação dos psicanalistas citados em abordar a tradução reportando-se a comentários de Freud e ao emprego do termo *Übersetzung*. Este termo é tratado de uma perspectiva psicanalítica, mas pode também, em certos momentos, relacionar-se com a *tradução propriamente dita*. Ainda neste capítulo abordo a questão da organização conceitual, que Thom pretende entender a partir da investigação das *fissuras*. Esta questão perpassa seu texto, contudo não abrange a tradução. É nesse ponto

que vem se colocar nossa proposta: reinscrever essas *fissuras* entre os conceitos psicanalíticos e a tradução.

No segundo capítulo, recorremos a críticas às traduções da psicanálise, que nos ofereceram subsídios para concluirmos que os aspectos observados no texto de Thom fazem parte da tradução psicanalítica em geral, e a importância da tradução para que a psicanálise se transmitisse de um modo e não de outro. Partimos, para esta análise, de textos de tradutores como Jean Laplanche, Marthe Robert, Marilene Carone e Paulo Souza, os quais não justificam suas opções por uma tradução ou outra baseados apenas em aspectos terminológicos, mas buscam legitimar suas escolhas fundamentando-as em Freud, seja resgatando o texto “original” ou recuperando suas intenções ao empregar determinada palavra. Ao lado desses fatores, destacamos e acrescentamos ainda a disputa entre as instituições e grupos psicanalíticos pelo poder de atribuir significados e a preocupação com a organização conceitual.

A partir dos questionamentos surgidos nos dois primeiros capítulos, dois pontos mereceram uma discussão mais detalhada, realizada no terceiro capítulo: a questão das *fissuras* e da ordenação conceitual, não só por determinarem o que ocorre com a tradução, como pela maneira como pode influenciar a transmissão da psicanálise. Neste capítulo desenvolvo a hipótese de as *fissuras* fazerem parte da tradução psicanalítica do mesmo modo que o *noyau*, apresentado por Nicholas Abraham, relacionando-os a uma outra posição frente ao funcionamento da significação: o *espaçamento*, de Jacques Derrida.

O capítulo final é conclusivo na medida em que complementa nossa reflexão, propondo uma associação, um entrelaçamento entre as *fissuras* e o *espaçamento* e entre a *psicanálise* e a *desconstrução*. A tradução é considerada como questionadora da própria psicanálise, já que se constitui em um *jogo complexo* de significações que interfere no discurso psicanalítico, ao mesmo tempo em que recebe influência dos significados que ajudou a gerar.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. O ponto de partida: uma tradução de Martin Thom.

A tradução do texto de Martin Thom (1981): *Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud*¹ e algumas problematizações decorrentes desta tradução são o ponto de partida deste trabalho. Ao pesquisar os termos envolvidos, observei que havia a possibilidade de utilização de duas ou mais palavras para designar um mesmo conceito, e que a opção por uma ou outra trazia consequências para a interpretação do texto. Este fato pode parecer corriqueiro, já que ocorre em qualquer tradução, mas por se tratar de um texto psicanalítico vai exigir que esse momento de decisão, de escolha, reflita-se no próprio ato de traduzir, porque estão em jogo não só questões conceituais, como também questões de transmissão da psicanálise que envolvem ainda o campo institucional.

O texto que desencadeou estas reflexões aborda questões de tradução relacionadas aos conceitos freudianos partindo da afirmação de que as traduções inglesas e francesas obscureceram seus sentidos, uma colocação importante, já que parte da premissa de que as traduções de Freud não são satisfatórias. Enquanto escritor e

¹Este texto foi traduzido juntamente com Lúcia Kremer, aluna de pós-graduação do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. As considerações aqui apresentadas são provenientes apenas de reflexões minhas.

tradutor, Thom sabe da importância do uso de um termo para que se tenha uma determinada interpretação do texto, e é a partir deste conhecimento que tenta justificar suas escolhas, recorrendo a algumas noções psicanalíticas.

Os aspectos relacionados à tradução, discutidos por Thom, passaram a fazer parte da minha tradução, na qual acabei por enfrentar outros problemas que sobrepujaram aqueles já discutidos. O primeiro foi o título dado por Thom a seu trabalho (*Verneinung, Verwerfung e Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud*): traduzir ou deixar os termos em alemão, como está no texto de partida? Mantendo os termos em alemão, o autor parece estar simplesmente evitando explicitar uma opção julgada mais conveniente, mas, nesse mesmo gesto, acentua sua ligação ao nome de Freud e ao próprio gesto de tradução. Considerando esse instante crítico, esse momento de impasse, optamos por acatar sua escolha.

Ao afirmar que a permanência das palavras em alemão pode dar a impressão de que se pode ter falhado, Thom problematiza sua própria tradução, uma vez que sua opção pode ter sido ditada apenas e tão somente por uma incapacidade de encontrar um termo adequado, e não por uma necessidade imposta pela rede conceitual de que fazem parte os termos em questão.

Caso optasse pela tradução, já no primeiro vocábulo do título, *Verneinung*, o autor teria que mostrar a opção tomada: seguir a **Standard Edition**² (e traduzir por

²Desta forma nos referiremos à **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**, edição das obras de Freud em inglês, traduzidas do alemão por James Strachey, com colaboração de Anna Freud e assistência de Alix Strachey e Alan Tyson.

negation), ou apresentar a opção dos psicanalistas Jacques Lacan e Jean Hyppolite³(que optam por *dénégation*), como é sua escolha no restante do texto. Em relação ao texto traduzido, também no caso do título, eu poderia apresentar tanto a tradução da **Edição Standard Brasileira**⁴, como a de Lacan e Hyppolite, tendo ainda como alternativa utilizar publicações mais recentes, cujas traduções, em certos casos, divergem da edição brasileira.

Em relação às citações, pelo menos duas opções se manifestavam: poderia mostrar as já existentes (no caso da **Standard Edition**, recorrendo à **Edição Standard Brasileira**, e no caso de Lacan, recorrendo às traduções editadas), ou fazer uma nova tradução. A cada possibilidade de decisão, uma questão maior surgia: que normas deveriam ser seguidas? Haveria alguma regra determinando o procedimento a ser tomado, ou poderíamos estabelecê-las de acordo com um conjunto de fatores importantes para a nossa tradução?

Durante todo o trabalho foi necessário fazer opções, decidir por uma palavra ou por outra, como ocorre em qualquer tradução; entretanto, os fatores subjacentes à tradução de textos psicanalíticos fizeram com que considerássemos outros aspectos, os quais deverão ser contemplados ao longo deste trabalho.

Devido ao fato de Thom fazer citações da **Standard Edition**, considerei, em primeiro lugar, a hipótese de seguir a **Edição Standard Brasileira**, mas essa opção logo me pareceu insatisfatória, principalmente porque as publicações mais recentes utilizam

³O texto de Hyppolite sobre esta tradução (*Commentaire parlé sur la "Verneinung" de Freud*) encontra-se no apêndice dos **Escritos** (1966), de Jacques Lacan, onde também encontramos a introdução e a resposta lacaniana ao comentário de Hyppolite.

⁴Desta maneira nos referiremos à **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, cujos 24 volumes foram editados pela Imago, no período de 1970 até 1990.

termos diferentes daqueles utilizados por aquela que deveria ser a “edição padrão”. Além disso, em certos momentos, Thom segue Lacan, cujas escolhas muitas vezes diferem da **Standard Edition**, como no caso da tradução de *Verneinung*: enquanto Strachey a traduz por *negation*, Lacan opta por *dénégation*. Thom decide por *denegação*, afirmando que *a questão é que a negação descrita no ensaio "Die Verneinung" diz respeito à relação que associa o recalque ao retorno do recalcado: o emprego da palavra "denegação" ajuda a separar esse uso da operação mais comum (...)* (p.164).

Desta forma, ao optar por seguir a **Edição Standard Brasileira**, estaria deixando de considerar a influência da leitura lacaniana, explicitada por Thom em seu texto. Por outro lado, ao optar por termos “mais franceses”, poderia estar negligenciando a importância da **Standard Edition** (considerada por Thom como superior a outras traduções), e da **Edição Standard Brasileira**, que é a tradução da tradução inglesa. Levando em consideração algumas críticas dirigidas à edição brasileira (como veremos adiante), talvez fosse mais adequado traduzir as citações diretamente da **Standard Edition**, ou do texto em alemão. De qualquer maneira, não poderíamos assegurar que essa ou outra tradução seria a mais conveniente ou a mais aceita.

Thom procura fundamentar teoricamente as opções de tradução, e afirma que a *validade de se traduzir Verneinung por “denegação” não pode ser demonstrada filologicamente*, acrescentando que:

Superestimar o aspecto filológico é supor a suprema importância das verdadeiras intenções de Freud ao escolher um termo ao invés de outro. Traduzir

simplesmente *Verneinung* por *denegação* dá mais efeito ao conceito e acrescenta mais energia a uma discussão de caráter essencialmente disperso. (p. 163)

O autor justifica a tradução de *Verneinung* por *denegação* recorrendo ao fato de que esse termo enfatiza o aspecto afirmativo da negação que suspende o recalcado mas não o elimina, já que o conteúdo continua negado. Desta forma, ocorre a *denegação* quando se faz uma negação, porém, aquilo que quer se dizer é justamente o contrário. O exemplo apresentado é a negação do analisando: *Não é a minha mãe, quando é a mãe dele; o termo denegação expressa a negação que se constitui em afirmação* (p.170, destaques do autor).

Apesar do autor buscar uma explicação teórica para a tradução, ele estabelece uma ligação com aspectos terminológicos, ao afirmar que um dos motivos de sua preferência pela **Standard Edition** é o fato de Strachey esforçar-se por esclarecer, através de notas, tais aspectos. Ou seja, para Thom a distinção terminológica não é suficiente, uma explicação teórica se faz necessária, mas ele não deixa de voltar à terminologia, e um dos exemplos disto aparece quando afirma que a partícula alemã *aus-* é melhor expressa pelo inglês *ex-*, na justificativa sobre a tradução de *Ausstossung* por *expulsion* (cf. p. 168).

A questão da tradução apresentada por ele não se limita à multiplicidade de termos designando o mesmo conceito: abrange não só o conceito visado, como também os demais que a ele se estreçam, formando sua rede conceitual. No caso da *denegação*, aborda também as noções de *recalque*, *retorno do recalcado*, *afirmação*, *juízo de*

existência e juízo de atribuição, além dos termos do título - *Verwerfung e Ausstossung* - entre outros, procurando delimitá-los e verificar a equivalência existente entre eles.

Como dissemos, em alguns casos Thom apresenta a tradução de Strachey; em outros, apresenta o desenvolvimento de determinado termo trabalhado por Lacan, como é o caso do segundo vocábulo do título, *Verwerfung*, cuja tradução mais utilizada atualmente é *forclusão* ou *forclusão*⁵.

Partindo da discussão sobre as traduções o autor desenvolve sua argumentação teórica tendo como base o exame dos *termos originais em alemão para ver o que se perdeu nas traduções inglesas e francesas* (p.162), procurando relacionar esses termos à organização conceitual da psicanálise, isto é, além de relacionar um termo ao outro, relaciona-os também ao conjunto de conceitos psicanalíticos.

É importante ressaltar que o fato de procurarmos nos envolver com a questão da tradução na psicanálise não impediu que realizássemos a tradução, porém, levou-nos a refletir sobre ela, ou seja, passamos a não limitá-la apenas ao texto em si, mas a abranger também o emprego dos termos e dos conceitos na psicanálise. Além disso, a própria problemática da conceituação passou a ser vista não de forma desvinculada, mas levando em consideração as instituições psicanalíticas a que se destinam as traduções e seu papel na transmissão da psicanálise.

⁵A título de ilustração, podemos citar pelo menos dois exemplos de tradução: na **Edição Standard Brasileira**, *Verwerfung* é traduzido por *rejeição*, enquanto no livro **Psicanálise e Linguagem**, a professora Eliana de Moura Castro utiliza o termo *preclusão*, afirmando ser esta a tradução do "neologismo lacaniano" *forclusion* (cf. Castro, 1992, p.75).

2. A tradução a partir da psicanálise.

Ao abordarmos a questão da tradução do texto psicanalítico, consideramos necessário relacionar a esta abordagem a própria questão de como se vê a tradução na psicanálise. Partimos dos comentários de psicanalistas como Mahony, Péraldi, Jean Laplanche e Bruno Bettelheim, que tratam de questões tradutórias da obra freudiana, apresentando, muitas vezes, um entrelaçamento entre suas concepções do que é psicanálise e do que é tradução. Incluímos, também, textos de tradutores como Marthe Robert, Marilene Carone e Paulo Souza, que não se limitam a justificar suas opções por determinada tradução baseados apenas em aspectos terminológicos, mas buscam legitimar suas escolhas recorrendo a Freud, seja em termos de resgate do original, seja recorrendo às intenções do fundador da teoria ao usar uma palavra.

Como Thom busca uma explicação teórica para as opções tomadas e considera cada termo separadamente para depois tomá-lo no conjunto da conceituação, isto nos levou a adotar a mesma postura. Assim, procuramos determinar a significação de cada sentença a partir dos termos que a constituem, considerando-a, ao mesmo tempo, no conjunto do texto.

Juntamente com Cesarotto e Leite (1987), podemos afirmar que ao invés de considerarmos um texto psicanalítico como qualquer outro, *é preciso considerar a*

maneira como este texto funciona dentro de um discurso específico, ou seja, é preciso encontrar, na teoria psicanalítica, o eixo em torno do qual gira o conjunto de proposições em que se sustenta (p.46) o seu arcabouço conceitual. Para entender o papel da tradução a partir desta perspectiva, julgamos necessário recorrer à maneira como ela está sendo considerada no interior da psicanálise, através dos comentários de alguns psicanalistas e tradutores, os quais geralmente buscam um embasamento em Freud.

Como afirma Jacques Derrida (1982):

(...) a história da situação analítica deve se ajustar a isso. É uma instituição que não pode se privar do nome de Freud. É uma ciência prática e teórica que, por uma vez, porque não há outra ciência deste tipo, por uma vez deve se explicar com o nome de seu autor, não pode fazer economia do nome de seu fundador. As matemáticas, a física, etc. podem eventualmente celebrar o nome de um grande físico, de um grande matemático, mas o nome próprio, estruturalmente, não faz parte do corpus da ciência, da instituição científica. Neste caso, a psicanálise é uma herança de Freud e se explica com a estrutura desta herança. (pp. 97-98)⁶

A “cena” da tradução está inscrita, de acordo com Derrida, no *interior de uma cena de herança* (1982, p.139) que tem na psicanálise uma evidência mais acentuada, uma vez que *a psicanálise é uma herança de Freud e se explica com a estrutura desta herança*. Influências freudianas na abordagem da tradução encontramos em Mahony e em

⁶Esta e todas as demais citações são minhas traduções do francês, inglês ou espanhol, exceto quando a obra já tiver tradução em português, o que estará indicado nas referências bibliográficas.

Péraldi, que recorrem ao conceito de tradução tal como utilizado por Freud, relacionando-o à tradução propriamente dita.

A compreensão da tradução na obra freudiana possibilita, segundo Mahony, uma maior compreensão dos trabalhos de Freud (cf. 1990, p.13) e uma maior abrangência da mesma enquanto conceito. Ele declara que Freud foi *um dos grandes pensadores e inovadores no domínio da tradução*, ao afirmar: *Freud merece, na verdade, ser classificado entre os mais importantes teóricos da tradução, pois em sua obra ele dá ao conceito um escopo, uma extensão e uma profundidade que não aparecem em lugar algum da história* (p.13).

Neste caso, Mahony não está se referindo às questões de estilo, nem às nuances que encontra na obra de Freud e que não fazem parte da tradução da **Standard Edition**. Também não se trata de sua proposta de retradução, que tem como ponto de partida levar em conta o entrelaçamento, e mesmo a dependência entre a exposição discursiva e a elaboração teórica freudiana. Sua observação diz respeito à utilização de um determinado conceito de tradução que pode ampliar o conceito geralmente considerado. Este conceito é depreendido de um levantamento que ele faz do uso do termo *Übersetzung* em toda a obra freudiana, partindo do texto em alemão:

Para se seguir de maneira mais específica a compreensão de Freud da tradução ou *Übersetzung* deve-se idealmente ficar com os textos originais, ou ao menos retomá-los, cujo termo alemão é obscurecido por transposições inglesas como *convey* e *transpositios*. (1990, p.16, destaques do autor)

A tradução de Strachey é vista como algo que “impede” uma interpretação correta de um conceito, no caso o próprio conceito de tradução. Ginette Michaud (1988) também considera que a questão da tradução de psicanálise envolve a própria conceituação de tradução: *não bastaria traduzir Freud como qualquer outro texto: precisaria, ainda, levar em consideração a maneira pela qual a psicanálise, que fez da tradução um de seus conceitos mais fundamentais, trabalha em torno da nossa concepção de tradução* (p.139).

Ao considerarmos a tradução de conceitos psicanalíticos, toda a “cena” que cerca a psicanálise passa a fazer parte da tradução; não se trata simplesmente de considerar o texto independentemente de tudo o que o constitui, é preciso levar em conta que os conceitos que fazem parte do texto estão inseridos em uma linha discursiva. Neste caso, o que constitui a psicanálise também fará parte da tradução, o que abrange inclusive as concepções subliminares que regem, uma vez que estes conceitos estão fazendo parte de um discurso.

A compreensão da tradução na obra freudiana deve-se, segundo Mahony (1990), aos *obstáculos comunicativos superados por Freud*, já que *cada gesto, ato, palavra do paciente não é uma pura expressão, mas um compromisso* (p.16). Entre os exemplos de tradução utilizados por Freud, Mahony cita a do material inconsciente através de sintomas neuróticos; a do sonho latente através do sonho manifesto; as intervenções do analista e, *mais ainda que isso, o próprio movimento do material no aparato psíquico*

como tal é compreendido como tradução, ao passo que a repressão é um fracasso de traduzir (Mahony, 1990, p.16, cf. também 1982a, p.130 e 1982b, p.65).

O caso de *Verdrängung*, é mais um exemplo das várias traduções utilizadas para um único termo: embora seja traduzido no texto de Mahony por *repressão*, ele mesmo afirma que esta talvez não fosse a melhor versão do termo utilizado por Freud, no caso, *Versagung*, que se traduziria mais adequadamente, segundo esse autor, por *contradizer* ou por *negação* (1990, p.17). O termo *repressão* não é tão facilmente aceito como a tradução brasileira de *Verdrängung*, geralmente traduzido como *recalque* ou *recalcamento*. Na **Edição Standard Brasileira** temos os dois termos: nas versões não revisadas aparece *repressão* e nas revisadas, *recalcamento*. Entretanto, em alguns casos ainda se opta por traduzir por *repressão*, como veremos adiante.

Ainda de acordo com Mahony, um aspecto importante é o fato de Freud considerar a tradução como uma *atividade unificadora*, utilizada tanto para a tradução de idéias e afetos em palavras como para tradução de uma língua para outra, de um texto para um outro, como ocorre em relação ao sonho, cujos símbolos *têm muitas vezes significações múltiplas, de tal modo que, como na escrita chinesa, só o contexto torna possível, em cada caso, a apreensão correta* (Freud, citado em Derrida 1971a, p.197).

Partindo do que considera ser o conceito de tradução para Freud, Mahony afirma que as três categorias de tradução apresentadas por Roman Jakobson - *interlingual*, *intra lingual* e *intersemiótica*- não levam em conta a contribuição de Freud para a crítica da tradução, no entanto, acaba por considerar que o tipo focado pode ser visto como *tradução intersemiótica ou interveicular* (cf. Mahony, 1990, p.19 e 1982b, pp.66-67).

Embora Freud esteja tratando da concepção de tradução que não é a *tradução propriamente dita* de Jakobson, esta é a abordagem que será priorizada por Mahony, Péraldi, Michaud, entre outros; ou seja, esses psicanalistas recorrem aos comentários de Freud sobre o emprego do termo *Übersetzung* para relacioná-lo à tradução. Isto ocorre no caso do *recalque* relacionado à “falha” na tradução.

Péraldi considera os “erros” de tradução como manifestações de linguagem na forma de distorções ou de modificações de significantes, ocasionadas por mecanismos de defesa, principalmente pelo recalque (cf. 1982b, p.16). This e Thèves⁷ (1982) também recorrem a este uso que Freud faz da tradução, afirmando que ocorre um *recalcamento* quando o *pensamento recusa o trabalho de tradução*, não se tratando simplesmente de um “erro” de tradução, mas de *um lapso significativo, uma ação onde o “dizer” (sagen) fracassa, falha, falta, por razões precisas, que convém elucidar* (p.41). Esta elucidação é feita por meio de comentários que explicam as escolhas e decisões, com o objetivo de *recuperar o que a tradução inevitavelmente leva-nos a perder* (p.41). Apesar do cuidadoso trabalho de tradução, This e Thèves acreditam que o texto traduzido é secundário, é uma perda inevitável.

Há uma preocupação entre os psicanalistas em reportar-se a comentários feitos por Freud e ao emprego do termo *Übersetzung*, enquanto uma noção de tradução que abrange aspectos diferentes dos tratados correntemente, mas que pode, em certos momentos, relacionar-se com a *tradução propriamente dita*. Como afirma Derrida: *na medida em que é em um sentido metafórico que Freud parece querer utilizar a palavra*

⁷Os psicanalistas e tradutores This e Thèves apresentaram, desde meados de 1960 até 1980, mais de quinze traduções do texto *Die Verneinung*. Para realizar este trabalho, participaram de vários grupos de estudo sobre o tema e formaram várias equipes de tradução.

tradução, sem cessar parece tomar a tradução no sentido próprio, quer dizer, a tradução interlingüística, como o modelo referente para toda tradução possível (1982, pp.143-144).

Mesmo que Freud não tenha utilizado a palavra tradução em seu “sentido próprio”, como afirma Derrida, é desta maneira que os psicanalistas Mahony, Péraldi, This e Thèves e Michaud a consideram, e é a partir da concepção advinda desta leitura que tecem os comentários sobre a tradução de textos psicanalíticos.

Desta maneira, a própria relação entre os psicanalistas/tradutores aqui apresentados e a tradução difere da relação tradicionalmente encontrada, uma vez que consideram outros fatores envolvidos na produção de uma tradução que geralmente são ignorados. No caso da tradução psicanalítica, observamos que não é apenas a escolha de um termo, mas as mudanças pelas quais este termo passa, a partir do momento em que é analisado no interior do discurso psicanalítico. Péraldi afirma:

É nesse círculo vicioso, nesse jogo complexo de efeitos de tradução e de sentido dados a essa operação tradutória, que se joga o destino do discurso psicanalítico, cuja sobrevivência depende do sentido que será dado aos conflitos de tradução que o atravessam, mas em qual sentido? (1982a, p.176)

Nosso propósito é partir desses *conflitos de tradução* para que possamos entender o *jogo complexo de efeitos de tradução e de sentido* que estes conceitos terão entre si, levando em conta a relação que psicanalistas como Mahony, Péraldi, Laplanche e outros

possuem com uma determinada concepção de tradução, em que Freud é considerado *um dos maiores pensadores da tradução*.

3. Denegação e pulsão: exemplos dos conflitos de tradução.

Ao se falar em tradução, quer seja de texto psicanalítico, ou de qualquer outro, busca-se, na maioria das vezes, a fidelidade ao autor e ao original, que no caso da tradução da psicanálise é mais complexa, não só porque abrange uma determinada concepção de tradução considerada no interior da psicanálise, como porque há uma importância maior relacionada ao resgate do que estaria no texto de Freud.

Outra especificidade desta busca nos textos psicanalíticos parece estar no fato de algumas traduções serem enquadradas como “legítimas”, enquanto outras não, e desta legitimidade ser conferida por uma instituição específica, a *Associação Internacional de Psicanálise (IPA)*. Apesar disso, outros termos, utilizados por outras sociedades, também são considerados fiéis a uma determinada visão que se tem do texto de Freud e da psicanálise.

Podemos, no entanto, questionar o que seria e onde estaria esta “fidelidade”. Há diferentes traduções que são realizadas com o intuito de alcançar um mesmo objetivo principal: ser fiel ao texto psicanalítico. Mesmo que não haja uma aceitação da tradução pelos grupos aos quais está destinada, a convicção desta aceitação e de que a tradução está sendo “fiel” direciona o trabalho do tradutor, como é o caso de Laplanche e sua equipe.

Muitas das dificuldades encontradas na tradução são consideradas decorrentes da própria maneira pela qual Freud desenvolve seu texto: o estilo, a não preocupação com a precisão vocabular, a rica terminologia, as nuances, as “brechas” no interior de sua escritura (cf. Michaud, 1989, p.127). Não é somente a terminologia que torna uma tradução bem aceita, mas *sobretudo sua materialidade, quer dizer, a composição da frase, a flexão e a articulação sintáticas, seu ritmo* (Michaud, 1988, p.134); ou seja, não é só a palavra que define um conceito o que importa, mas a maneira como este conceito se desenvolve no interior da obra freudiana, que constitui nossa questão inicial:

O leitor, mesmo psicanalista, editores, etc. não percebe esse movimento de conceitualização que poderíamos dizer latente em Freud, mas que é, ao mesmo tempo, explícito. Em obras como esta, a tradução contribui para revelar uma conceitualização latente (...) A atenção do leitor alemão não é atraída por este movimento de conceitualização no seio da obra. Existe então um movimento de complementaridade entre o tradutor e a obra. O tradutor continua o movimento

próprio da obra e o conduz a um maior acabamento (Laplanche, apud Volich 1989, p.10).

Cabe ao tradutor muito mais do que escrever um outro texto em uma outra língua; é preciso *contribuir para revelar uma conceitualização latente*. A questão da tradução de textos psicanalíticos torna-se mais intrincada, devido à própria complexidade do movimento de conceituação. Além disso, na maioria das vezes há sentimentos negativos envolvendo o tradutor: angústia, mal-estar, de acordo com Michaud (1989); ou o estigma *traduttore-traditore*, segundo Junker (1988)⁸; ou a sensação do intraduzível, do impossível, de acordo com Holder (1988). Com todo esse clima que cerca a tradução, naturalmente o “culpado” continua sendo o tradutor:

Não se trata de acusar um tradutor de tendenciosidade, pois como trabalho de interpretação que é, a tradução neutra nunca existiu nem existirá (*traduttore, traditore...*). A existência inevitável de um universo ideológico que orienta e informa as opções de qualquer tradução não impede que se registre o nível em que se dá a “traição”, nem o estudo crítico dos pressupostos de um trabalho realizado. (Carone, 1989b, p.167)⁹

⁸O texto de Helmut Junker, juntamente com os de Alex Holder, Malcon Pines, Riccardo Steiner e Darius Ornston, faz parte de uma coletânea de artigos sobre a **Standard Edition**, reunidos na parte III (*Problems of Translation*) do livro **Freud in Exile** (Yale University Press, 1988).

⁹Marilene Carone foi psicanalista e tradutora. Publicou, juntamente com Paulo Cesar de Souza, uma coletânea de artigos sobre a tradução da **Edição Standard Brasileira** (cf. Carone, 1989).

O trabalho do tradutor não é necessariamente “tendencioso”, mas envolve “traição”, o que nos leva a pensar que apesar de se levar em conta o *universo ideológico* ao qual pertence, na maioria das vezes, o tradutor continua a ser considerado como aquele que “traiu” o texto original, o que implica, de algum modo, uma “intenção” de traição.

Em alguns casos, divide-se a culpa entre o tradutor e o próprio Freud. A culpa de Freud se deveria ao fato de, por exemplo, usar, em sua obra, termos da língua corrente, atribuindo-lhes um valor específico no contexto em que são utilizados, ou o fato de não se preocupar com a precisão do vocabulário empregado, usando várias palavras julgadas próximas, com sentidos diferentes. Como afirma Castro:

o problema da tradução traz dificuldades suplementares à compreensão do texto freudiano. Estas se tornam mais acentuadas quando se trata de abordar conceitos como *Verleugnung* e *Verwerfung*, cujos sentidos estão próximos ao de *Verneinung*. (1992, p.43)

Ao lado dessa “proximidade” dos conceitos, é preciso considerar ainda outros aspectos, que podem gerar mal-entendidos. Castro chama atenção para uma influência de mão dupla entre tradução e compreensão de um texto, afirmando que *é difícil dizer se uma determinada tradução vem favorecer uma compreensão às vezes parcial ou incorreta, ou, ao contrário, se uma percepção já tendenciosa do texto leva ao emprego de tal ou tal termo* (1992, p.43). Um certo mal-entendido pode ser provocado ainda,

segundo Péraldi, por uma ambigüidade semântica que se mantém pelo fato de Freud propor

concepções inteiramente novas com conceitos e mesmo noções correntes, já usadas e utilizadas em outros lugares, em outros domínios do saber científico e filosófico, absolutamente estranhos à psicanálise, e contudo, bem conhecidos de Freud e de todo leitor culto de sua época (...). (1982b, p.26)

Os conceitos utilizados por Freud adquirem um valor, uma especificidade, de acordo com o contexto em que são aplicados e com o movimento de sua obra, como no caso de *Ich*, que pode ser traduzido por *ego* - dando a *impressão de que estamos diante de um termo técnico*, ou pode ser traduzido por *eu*, o que mantém, segundo Gabbi Júnior, *a correspondência entre os dois termos* (1995, p.133)¹⁰.

De acordo com Bettelheim (1984), o caso de *id*, *ego* e *superego* (*Das Ich*, *Das Es*, *Das Über-Ich*) é um dos mais ilustrativos da utilização de termos do dia-a-dia. Em concordância com este aspecto da obra freudiana, Bettelheim propõe que se os traduza por *I*, *It* e *Above-I* (*Eu*, *Isso*, e *Supereu*), pois a introdução das palavras latinas induz a uma determinada leitura de algo para o qual Freud utilizou termos cotidianos. Bettelheim também apresenta o caso da tradução do termo *Seel*, em inglês *mind* (mente), que não expressa as conotações de *Seel*, que seria melhor traduzido por *alma*.

¹⁰Gabbi Júnior é o tradutor do **Projeto de uma psicologia**, de Freud, publicado em 1995, que traz a indicação *Obras isoladas de Freud*, não fazendo parte da **Standard Edition**. Além da tradução, o livro apresenta 531 notas de Gabbi Júnior, que *pretendem ao mesmo tempo compor um quadro de Entwurf e sugerir uma certa leitura filosófica da teoria freudiana* (p.105). Entre essas notas, dezoito são dedicadas à tradução.

Para Michaud (1988), *Seel*, em francês *âme*, possui conotações esotéricas, sendo então *Seel* melhor traduzido por *psiqué* (p.133), opinião contrária à de Laplanche, que não considera *âme* e *psiqué* como sinônimos, apesar de Freud ter utilizado ambos os termos indistintamente; ou seja, a autoridade autoral de Freud não garante que um termo vá ser traduzido de determinada maneira: tanto Michaud como Laplanche possuem uma interpretação do que *Seel* representa no interior da psicanálise, independentemente da maneira como Freud o empregou.

Muitas vezes, essa grande multiplicidade de traduções propostas para um texto psicanalítico decorre das posturas assumidas por psicanalistas/ tradutores em relação à tradução de Freud: há sempre uma preocupação com a organização conceitual, com o contexto em que o termo foi empregado, que complementa a questão propriamente terminológica, como veremos adiante. Entre os termos considerados “problemáticos” para a tradução, podemos citar o caso de *Verneinung* e *Trieb*¹¹, escolhidos entre vários outros do texto de Thom, principalmente devido ao fato de serem bastante citados em estudos sobre a tradução psicanalítica e de demonstrarem as influências inglesa e francesa agindo na tradução.

O termo *Verneinung* foi traduzido na **Edição Standard Brasileira** por *negativa*. Uma nota explicativa diz que este termo segue o **Dicionário Crítico de Psicanálise**, de Charles Rycroft, no qual a definição apresentada é: *processo pelo qual uma percepção ou pensamento é admitido à consciência sob forma negativa* (1975, p.154). A edição brasileira define *negativa* como: *o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida que pode*

¹¹Entre os artigos que tratam tanto da tradução de *Verneinung* como de *Trieb*, podemos citar aqueles publicados na revista *Meta: Psychanalyse et Traduction*, número 27, de 1982, dedicada exclusivamente a questões da tradução relacionada à psicanálise.

abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado (1976, p.295).

Percebe-se, entretanto, que não é comum o uso de *negativa* para traduzir *Verneinung*, visto que esta operação psicanalítica é mais conhecida por *denegação*.

No **Vocabulário da Psicanálise**, *Verneinung* é traduzido por *negação* ou *(de)negação*, utilizando-se o primeiro no sentido gramatical e o segundo no sentido psicológico. Michaud (1988) não concorda com a tradução (*négation*) de Laplanche, e apresenta como argumento principal o fato de ele não ter considerado o trabalho de Hyppolite, muito importante para o entendimento da *denegação*. Em publicações mais atuais este *conflito de traduções* continua; entretanto, o termo *negativa* nem é citado, geralmente a discussão gira em torno de *negação* ou *denegação*.

Castro (1992) utiliza *denegação*, apresentando na bibliografia comentada de seu livro a seguinte referência: *Freud, Sigmund. A denegação. In: _____. O ego e o id e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19). (Este texto aparece nessa coleção sob o título "A negativa")*(p. 78). Desta maneira, independentemente do "estabelecido" pela edição brasileira, a autora opta por utilizar o termo que julga mais correto.

Eduardo Vidal (1988) não considera que o termo *denegação* expressa a negação gramatical referida por Freud no texto. Em sua tradução do *Die Verneinung*, Vidal prefere *negação*, e explica que a escolha *circunscreve a tradução do texto de Freud ao contexto estrito da língua alemã* (p.17). A opção justificada por ele é um exemplo da intersecção que pode ocorrer entre as concepções defendidas por um ou outro grupo

psicanalítico, uma vez que defende posturas lacanianas mas opta por uma tradução diferente daquela escolhida por Lacan.

Temos pelo menos três termos que designam a operação de *Verneinung*: *negativa*, *negação* e *denegação*. Escolher um deles implicará determinados fatores, isto é, como afirmam This e Thèves: optar por *negação* é escolher a versão oficial, ao passo que escolher *denegação* é seguir a sugestão de Lacan e Hyppolite, aceita por outros grupos.

A polêmica *Trieb/ instinct/ pulsion* acontecida entre Laplanche e a tradutora Marthe Robert gera discussões desde 1967. Republicada em 1982, após quinze anos, a questão continuava presente, uma vez que ao consultarmos a **Edição Standard Brasileira** (pelo menos no caso das edições ainda não revisadas) encontramos o termo *instinto*, mesmo que sua utilização para descrever a noção de *Trieb* não seja de uso comum nas publicações posteriores à **Standard Edition**.

Robert (1982), comentando a tradução de *Trieb/ Instinkt*, acredita que os dois termos não têm nenhuma distinção fundamental em alemão, e a introdução de *pulsion* em francês é desnecessária. Segundo Robert, Freud emprega os dois termos indistintamente, e ao introduzir um novo vocábulo, a tendência à utilização do termo *instinto* que há no movimento psicanalítico em parte é negada (cf. p.31). Robert estende suas críticas à tradução francesa, considerando-a repleta de *neologismos inúteis* e *inúmeras paráfrases*. Afirma ainda que os psicanalistas procuram fidelidade e rigor, com uma terminologia justa e prática, e que o tradutor de Freud deve ser um germanista, deve conhecer o valor semântico da palavra e o valor dado por Freud, preservando assim a originalidade de seu pensamento.

Enquanto Robert não aceita a tradução de *Trieb* por *pulsion*, preferindo *instinct*, Laplanche e Pontalis defendem a distinção entre *Trieb/Instinkt*, justificando que apenas em um caso Freud utiliza os dois termos como sinônimos, nos demais faz uma distinção. Para Laplanche, o termo *Instinkt* é menos utilizado e refere-se, geralmente, ao instinto animal ou a estruturas mentais inatas. O termo *Trieb* é usado com maior frequência e tem um sentido mais indeterminado, um polimorfismo originário bem expresso pela palavra francesa *pulsion*. Dessa maneira, Laplanche apresenta uma opinião diferente da de Robert em relação à tradução de um determinado termo, apesar de buscar o mesmo “rigor” não considerando apenas o contexto, mas algo “mais”, que parece estar ao alcance apenas de sua equipe.

Esta mesma questão de tradução é abordada pelo psicanalista Péraldi (1982a), quando cita o exemplo de *Death instinct* e *Death drive*, como tradução de *Tode Trieb*. Segundo Péraldi, os mesmos autores que sublinham a diferença entre *drives* (pulsões) e *instincts* (instintos) (Heins Hartman, Ernst Kris e Rudolph Loewenstein), empregam *Death instinct* onde Freud usaria *Death drives*, o que possibilita uma determinada interpretação do texto.

Nas traduções brasileiras, encontramos tanto em Vidal (1988), como em Castro (1992), o termo *pulsão*, contudo, especialmente no caso de Castro, há uma observação no verbete que se refere à *pulsão*: *Trieb muitas vezes é traduzido erroneamente por instinto, gerando má compreensão. A pulsão é diferente do instinto, por não ter, como este, um objeto de satisfação determinado* (p. 76).

No caso de *Trieb*, Thom assume a utilização de *drive* (*pulsão*)(cf. p.172) como a opção correta, sem demonstrar qualquer preocupação na distinção entre *drive/ instinct*, o que pode indicar que ele considera este caso resolvido, não apresentando qualquer questionamento, o que não ocorre em relação aos demais termos tratados.

Quanto à *Verneinung* e aos demais vocábulos do título, há um cuidado em delimitá-los, explicar as traduções possíveis e justificar uma opção considerada mais adequada. A preocupação de Thom ultrapassa, portanto, os aspectos terminológicos, abrangendo as possíveis consequências para a rede conceitual psicanalítica ao se traduzir de uma forma e não de outra, e propondo a *investigação das fissuras que surgem na ordenação interna* dos conceitos da psicanálise (cf. p. 185) como uma maneira de entender o funcionamento desses conceitos.

4. A organização conceitual da psicanálise: apresentando as fissuras.

Para Thom, a tradução passa a fazer parte de uma questão maior, a da ordenação conceitual, que ele pretende entender melhor recorrendo à investigação das *fissuras*. Esta questão perpassa seu texto, mas não abrange a tradução; ou seja, há uma preocupação que diz respeito à ordenação dos conceitos e que terá consequências para a tradução,

entretanto, não há uma análise do que a investigação das *fissuras* pode representar para a tradução. Nossa proposta é deslocar essas *fissuras*, fazendo-as vigorar entre os conceitos psicanalíticos e a tradução.

Ao questionar os conceitos em relação uns aos outros, Thom faz um jogo que tem como pano de fundo toda a rede conceitual psicanalítica. Apontando a necessidade de investigar as *fissuras* na ordenação desses conceitos, ele parece, de certo modo, acreditar que a questão será resolvida a partir da apresentação dos conceitos como dependentes de uma organização. Sua proposta seria, então, investigar as *fissuras* entre os conceitos, dispostos em uma organização:

Ao invés de recorrer à verdade e à beleza das formas rituais que precederam a psicanálise, um empreendimento no qual a fantasia inevitavelmente desempenhará seu papel, parece-me mais importante investigar as fissuras aparentes na própria organização dos conceitos. (p.185)

O que Thom está entendendo por *fissuras*? A princípio, parecem ser uma forma de explicar o funcionamento dos conceitos psicanalíticos no interior de uma ordenação conceitual. Não há, neste caso, nenhuma definição do que seriam, apenas uma menção de que são importantes para a organização conceitual psicanalítica. Como poderíamos entendê-las? Elas poderiam caracterizar uma abertura para diferentes organizações conceituais, a possibilidade de várias leituras; ou, ao contrário, corresponder a uma necessidade de se estabelecerem limites para cada conceito. Estas *fissuras* poderiam ainda

constituir aquilo que não se enquadra no conceito, o que “escapa” a seus contornos, não sendo possível preencher toda gama de significações, isto é, poderiam corresponder a uma impossibilidade de se limitar totalmente um conceito.

A princípio, Thom parece adotar a segunda hipótese, tentando estabelecer limites para cada conceito, como podemos observar pelas questões que coloca em seu texto quando pergunta qual é a relação entre *Verwerfung* e *Ausstossung* (cf. p.168), ou quando compara os dois termos, e questiona: *o conceito Ausstossung, como apresentado no texto “A Negativa”, é idêntico ao conceito Verwerfung como apresentado no caso do “Homem dos Lobos”?* (p.171). Não se trata somente desses dois conceitos, mas da relação com os demais, como está presente neste outro questionamento: *a ligação entre Verneinung e Ausstossung é então equivalente à ligação entre Vereinigung (incorporação) e Bejahung?* (p.172). Ainda em relação a *Verwerfung*, ele afirma que *todo um grupo de conceitos, que tem sido transmitido livremente do conjunto da prosa de Freud, é um pouco obscurecido e tende a manifestar-se somente quando conjeturado e então compreendido* (p. 175).

Thom procura *conjeturar e compreender* o conceito de *Verwerfung*, através da comparação entre os demais conceitos associados, e coloca todo o seu artigo “girando” em torno dessas distinções. Precisar esses conceitos visa a uma compreensão do texto de Freud, fazendo-se necessário que o texto seja traduzido “adequadamente”. Como afirma Thom, a tradução é de importância primordial para que haja uma definição dos próprios conceitos. Mesmo concordando que as distinções entre os conceitos tratados em seu texto possam parecer *sem importância e o debate terminológico um pouco árido, um*

pouco escritural (p. 180), Thom concorda que deste debate depende a compreensão dos conceitos.

Independentemente de qualquer “intenção” que Freud pudesse ter quando os empregou, os conceitos psicanalíticos são específicos do contexto em que são aplicados e serão outros em uma outra situação. Contudo, esse aspecto não é considerado quando se trata da tradução, ou seja, em geral não se leva em conta que a multiplicidade de termos seja característica do desenrolar da própria história da psicanálise e possa ter implicações nessa história.

Em um contexto mais amplo, que ultrapassa as questões colocadas por Thom, talvez pudéssemos considerar as *fissuras* como a possibilidade decorrente da última hipótese: a impossibilidade de preencher toda a gama de significações, devido aos vários termos que compõem a rede teórica psicanalítica. Partindo desta suposição, as *fissuras* também não solucionariam a questão da utilização de mais de uma palavra designando um mesmo conceito, porém talvez pudessem elucidar o funcionamento de uma ordenação dos conceitos da psicanálise.

A organização conceitual é diferente de um grupo para outro. Como percebi durante a realização da tradução, não se trata de algo “pronto”, encontrado em algum dicionário aceito com unanimidade. Este fato é importante para o que estamos abordando, uma vez que a tradução nos permite perceber a possibilidade de várias conceituações, ou seja, a partir das diversas opções apresentadas, em relação a alguns conceitos específicos, notamos que ao traduzir de uma maneira ou de outra estamos

privilegiando uma ou outra trama conceitual. Essa escolha acaba por destinar o texto traduzido a uma certa instituição ou grupo de pessoas interessadas pela psicanálise.

Apesar de cada grupo ter um conjunto de regras pré-estabelecidas e funcionar de acordo com certas convenções, não podemos identificar ou delimitar claramente a sua organização conceitual. Há várias discussões sobre a organização de conceitos no interior de uma mesma instituição psicanalítica, isto é, pode haver uma ordenação conceitual psicanalítica para um grupo que poderá não ser a mesma para um outro, dependendo de seu desenvolvimento e objetivos, sem que isto seja totalmente transparente para a própria instituição.

Através da tradução percebemos a existência de uma organização conceitual, e dependendo das condições em que esta tradução for realizada, pode significar uma resistência a modificações, uma busca de sistematização, ou uma *rigidificação do aparelho conceitual de Freud* que, como afirma Menezes (s/d):

favorece eventualmente os dogmatismos, mas priva os psicanalistas de uma linguagem teórica fluente em que as margens de flutuação semântica e a imprecisão dos contornos permitem aberturas para ângulos inesperados e que, se exploradas em suas virtualidades, são enriquecedoras para o pensamento clínico.
(p.42)

A tradução do texto de Thom, a multiplicidade encontrada e o desejo de uma organização conceitual que não nos parecia “pronta” levaram-nos a recorrer a outras

traduções e, mais especificamente, a comentários sobre a tradução de psicanálise. A partir desses comentários, observamos alguns aspectos que fazem parte da tradução psicanalítica, além de seu papel fundamental para que a transmissão da psicanálise se fizesse de um modo e não de outro, ou para que os conceitos psicanalíticos fossem “organizados” de uma maneira específica, embasados em uma determinada leitura, como é o caso da **Standard Edition**.

As questões levantadas pareciam explicitar a problemática da tradução de textos psicanalíticos; porém, uma indagação perpassava nossa abordagem: essas colocações seria válidas para qualquer texto psicanalítico, ou faziam parte de uma argumentação específica do texto que estávamos traduzindo? O que a questão das *fissuras* representava para a psicanálise e para a tradução?

Estes aspectos foram o ponto de partida para a abordagem dos comentários às traduções de Freud, especificamente a **Standard Edition**, a **Edição Standard Brasileira** e versões francesas, de que trataremos a seguir.

SEGUNDO CAPÍTULO

1. Características da tradução freudiana: a **Standard Edition** e as versões francesas.

A partir da tradução do texto de Thom, observamos a existência de vários termos para designar os mesmos conceitos e as implicações da tradução para uma interpretação do texto psicanalítico. Juntamente com esta questão, até certo ponto terminológica, o autor trata das *fissuras* na organização conceitual. Com o propósito de verificar se a proposta de Thom poderia ser estendida a outros textos psicanalíticos, passamos a considerar alguns comentários críticos às traduções, especialmente à obra de Freud.

Ao lado dessas críticas, que representavam um debate terminológico, tivemos a necessidade de tratar de outros aspectos relacionados à tradução de psicanálise, entre os quais podemos destacar a disputa, entre as instituições, pelo poder de atribuir significados.

A princípio recorreremos às críticas dirigidas principalmente à **Standard Edition**, não só pelo fato de ser o “original”¹² da nossa edição da obra de Freud, como também por ser abordada por Thom. Em seguida, apresentamos algumas características da edição francesa, de forte influência em textos psicanalíticos mais recentes, inclusive no texto que estávamos traduzindo.

¹²Gostaria de lembrar que os volumes da **Edição Standard Brasileira** trazem, na capa, a especificação: *traduzido do alemão e do inglês*, entretanto, de acordo com o tradutor Paulo César de Souza, apenas o volume XI foi traduzido do alemão (cf. Souza, 1989, p. 159).

No prefácio da **Standard Edition**, Strachey já alerta para os *inevitáveis erros e tropeços* que um trabalho pioneiro como o seu pode acarretar, e afirma que a decisão final da tradução sempre foi sua, e sobre ele deveria sobrevir toda a responsabilidade pelos erros que o tempo revelaria (1990, p.24). Strachey estava, portanto, ciente daquilo que seu trabalho representava e também das mudanças que surgiriam com o tempo, transformando eventualmente os seus acertos em erros. De todo modo, embora ainda estejam em discussão os fatores que direcionaram o trabalho de Strachey e vários questionamentos e críticas lhe sejam dirigidos, ele continua sendo utilizado, e sua terminologia tem o *imprimatur* da *IPA*.

O objetivo de Strachey consistia em traduzir o pensamento de Freud com a *máxima fidelidade possível*, sem deixar de considerar o aspecto estilístico. Para tanto, em relação aos termos psicanalíticos, seguiu o dicionário de Alix Strachey que, por sua vez, baseava-se no glossário de Ernest Jones. Apenas em alguns casos a **Standard Edition** divergia dessas fontes consideradas categorizadas.

Na época da publicação da **Standard Edition**, a tradução foi bastante elogiada, chegando, inclusive, a receber o Prêmio Schlegel-Tieck de 1966 (cf. Rycroft, 1975, p.19). Apesar da disputa sobre quem detinha o controle das traduções de Freud, da luta pelo poder de transmissão do pensamento freudiano, Strachey se considerava autorizado a traduzir e a dar uma uniformidade à obra e o apoio da *IPA* (representada por Ernest Jones) era a principal garantia de seu projeto. A tradução não representava simplesmente um problema lingüístico, envolvia uma determinada realidade histórico-social:

(...) era necessário adaptar a psicanálise ao ambiente cultural particular em que estava sendo traduzida, mas também surgiu uma espécie de tendência “elitista” que correu o risco de às vezes distorcer o pensamento freudiano fazendo-o muito “técnico”, sacrificando a complexidade dos aspectos conotativos de sua linguagem tanto quanto dos denotativos, até mesmo tornando-a muito prescritiva, muito aristocraticamente distante. (Steiner, 1988, p.189)

Desta forma, Strachey apenas respondeu às necessidades do momento histórico da psicanálise, ou, como afirma Carone:

em momento algum os “pecados” são frutos da incompetência do tradutor ou de seu desconhecimento das línguas de partida e de chegada. São sempre expressões de uma intenção clara de apresentar a psicanálise dentro de uma determinada orientação ideológica (1989a, p.160)

O objetivo da **Standard Edition** era alcançar a aceitação, a internacionalização e a cientificidade, e assim conseguir a respeitabilidade no mundo científico. O “rumo” dado por Strachey à tradução do texto psicanalítico fez com que a psicanálise tivesse uma certa repercussão naquele momento em que a tradução foi realizada. Entretanto, um determinado grupo pode considerar que as condições em que a psicanálise se encontra são outras, diferentes das condições em que a tradução foi realizada, há cerca de trinta

anos. A possibilidade dessas diferenças é um dos fatores que proporcionaram o questionamento da validade de se utilizar a mesma tradução de Freud até hoje.

Além das questões relacionadas à história e às circunstâncias que cercam a psicanálise, é necessário considerar, entre outros fatores que podem ter levado ao questionamento da tradução de Strachey, a questão do domínio público e dos direitos autorais¹³. Com o fim dos direitos autorais sobre a obra de Freud, poderá haver uma proliferação de traduções e publicações. Como afirma Pines (1988), é preciso considerar ainda a importância da psicanálise para a cultura do século XX, um fator que também possibilita o questionamento dos moldes em que a versão até então aceita foi realizada (p.180).

Um dos primeiros a questionar a tradução da **Standard Edition** foi Bettelheim (1984) que considera que *as traduções inglesas dos escritos de Freud distorcem muito o humanismo essencial que impregna os originais* (p.16), com *enunciados abstratos, despersonalizados, altamente teóricos e mecanizados* (p.17), especialmente no caso de palavras latinas e gregas que dão à tradução um teor quase ausente no original. Psicanalistas como Mahony, Steiner, Ornston e Holder concordam com Bettelheim, considerando a cientificidade da tradução um dos maiores “problemas” da **Standard Edition**. De acordo com Souza:

Bettelheim fornece vários outros exemplos de traduções que fazem o Freud inglês assumir um tom mais doutoral, mais “intelectualizado”. E sugere o que poderia

¹³ Os direitos autorais sobre a obra de Freud deveriam expirar em 1989, mas, de acordo com Souza: *Ao que tudo indica, os direitos sobre a obra de Freud continuarão com os herdeiros até 2009, setenta anos após a morte do autor* (1989, p.189).

ter concorrido para isso: uma abordagem pragmático-positivista de suas concepções, devido à tradição filosófica inglesa, e o espírito da prosa científica inglesa, mais delimitadora dos sentidos que a alemã. (1989a, pp. 156-157)

Mahony compartilha dessa opinião, apresentando em *Freud como Escritor*, vários exemplos das "falhas" da tradução de Strachey, em especial as que dizem respeito a nuances que foram perdidas no texto em inglês (cf. 1992, p. 60 e pp. 73-77).

Há todo um contexto histórico e determinadas razões que justificam cada decisão tomada, mas com o passar do tempo e a mudança das circunstâncias, essas decisões podem sempre vir a ser outras. O aspecto "científico" da psicanálise deixa de ser um ponto primordial, uma vez que ela tem seu espaço, e não precisa mais lutar pelo reconhecimento, isto é, o que era importante na época da tradução de Strachey quando a psicanálise estava surgindo deixa de ser importante hoje quando o status da psicanálise é outro e buscam-se novas características, como as *margens de flutuação semântica e a imprecisão de contornos*, como afirma Menezes (s/d, p.42).

Enquanto alguns psicanalistas criticam a tradução de Strachey por ser muito "científica", outros julgam que este aspecto pode ser positivo, uma vez que a pretensa clareza de conceitos, decorrente de uma linguagem científica mais "correta", pode tornar a **Standard Edition**, em alguns aspectos, mais fácil de entender que o original alemão (cf. Junker, 1988, p.215). Junker completa ainda que *em uma passagem no original alemão, às vezes as palavras são obscuras, ou têm sentidos diferentes de acordo com seu contexto; Strachey, contudo, decidiu dar a elas um sentido claro* (1988, p.216).

Mesmo que não concordemos com a presença ou ausência de um vocabulário mais, ou menos, científico, devemos levar em conta que muitas palavras integram o nosso léxico, e, como tal, não podem ser simplesmente ignoradas. A tradução existente pode servir de base, tanto para legitimar, como para desautorizar outra. Sejam quais forem as críticas, esta edição faz parte da história da psicanálise.

Apesar das divergências de opinião, em um aspecto há uma concordância: ler a **Standard Edition** é ler o “Freud de Strachey”, ou *estudar Freud é estudar Strachey, o meio através do qual sua mensagem é transmitida* (Pines, 1988, p.180), com características atribuídas a ele, como: uniformidade maior do que a pretendida por Freud, clarificação de conceitos e preocupação com a terminologia. Há uma concordância também em relação à aceitação da tradução devido ao apoio da *IPA*, que conferia maior legalidade ao trabalho de Strachey.

Se, por um lado, as características da **Standard Edition** não deixam de representar um grande trabalho de realização científica, por outro, levam-na a receber categorizações como: *aproximação* (Steiner, 1988, p.192), *versão indiossincrática* do original (Holder, 1988, p.212), ou ainda *uma versão de Freud, não uma tradução*, que ao ser traduzida novamente para o alemão, resultaria em um texto muito diferente do original (cf. Junker, 1988, p.216).

Geralmente a preocupação apresentada não se restringe à questão de um termo ser correto ou incorreto, estende-se para a importância de seu desenvolvimento no interior de uma conceituação (cf. Junker, 1988, p.217). Como observamos durante a tradução do texto de Thom, não se trata apenas de escolher uma palavra, mas de quais

implicações esta escolha poderá ter no interior da psicanálise, não só para a interpretação do texto em questão, como para a interpretação do conceito no interior de um discurso psicanalítico.

Embora haja várias críticas dirigidas à tradução de Strachey, considera-se que os estudos mal começaram e que nada de muito concreto parece ter sido feito, talvez pelo próprio *reconhecimento da enormidade da tarefa de retradução e da ausência de qualquer garantia de que a versão revisada será uma melhora em relação à de Strachey* (Holder, 1988, p.210). Para Holder, há uma ansiedade gerada pela possibilidade de mudança, talvez devido à ameaça de perder o que sempre se teve como certo, como *a voz autêntica do Mestre* (p.210).

Apesar da tradução de Strachey ser *muito mais formal, técnica e abstrata* que o texto de Freud, ela representou um papel importante na organização da obra freudiana, principalmente por suas anotações, comentários e referências (cf. Holder, pp. 211-212). Além disso, teve muita influência em edições como a francesa (cf. Michaud, 1988) e a brasileira, e é considerada a *versão superior* das obras de Freud em relação a outras versões inglesas e francesas (cf. Thom, 1988, p.163).

Alguns psicanalistas, ao criticarem a **Standard Edition**, apresentam a questão da tradução dos textos psicanalíticos na França como mais bem trabalhada, citando as vinte e sete traduções do texto freudiano *Die Verneinung* (cf. Pines, 1988, p.178 e Junker, 1988, p.218). Se a existência destas traduções demonstra, por um lado, que não há uma tradução definitiva, por outro, demonstra que há uma preocupação em se conseguir uma

versão mais adequada, de acordo com determinados critérios, como podemos observar no comentário de This e Thèves sobre suas dezessete versões de *Die Verneinung*.

Outro aspecto que diferencia a situação francesa de outras línguas européias é o fato de não haver em francês uma edição uniforme e completa das obras de Freud, que poderia servir como tradução de referência (cf. Souza, 1994, p.6 e Volich, 1989, p.2), como ocorre com a **Standard Edition** e com os vinte e quatro volumes da **Edição Standard Brasileira**.

A história da tradução de Freud na França teve início na década de vinte, mas as primeiras traduções são consideradas, por Michaud, muito *afrancesadas* e até *inexatas*. Apesar disso, Michaud afirma que elas não devem ser ignoradas, e acha normal serem consideradas *ultrapassadas*, uma vez que nenhuma é definitiva. A autora considera que passados cerca de trinta anos, a tradução *exime-se de sua função de comunicação de um saber ou de transmissão de sentido de uma obra traduzida, para aceder ela mesma à leitura, visto que é portadora da história, lugar de sedimentação de uma interpretação da obra* (1988, p.127).

Entretanto, nem toda tradução parece cumprir sua função de *transmissão de sentido de uma obra traduzida*, isto é, nem todas traduções são bem aceitas, mesmo na época em que são realizadas. É o caso da primeira edição completa das obras freudianas em francês, proposta por Laplanche e sua equipe, cujo primeiro volume foi lançado em 1989. As opções tomadas, de modo geral, não foram bem recebidas, e houve muitas críticas ao projeto de retradução de Freud¹⁴. Isto vem confirmar que há sempre

¹⁴O próprio Laplanche afirma que recebeu golpes de lacanianos, da Sociedade Psicanalítica de Paris e da Associação Psicanalítica Francesa, o que, para ele, representa mais um exemplo de sua "independência de toda ortodoxia" (apud Volich, 1989, p.8).

determinadas convenções que regem as opções tomadas durante a realização de uma tradução, e podem ter sido estabelecidas por grupos legitimados, como a IPA, ou pelo próprio processo de desenvolvimento da psicanálise, que acaba por autorizar o uso de um termo em detrimento de outro.

Tanto no **Vocabulário da Psicanálise** como em **Traduzir Freud**, Laplanche demonstra sua preocupação com a "fidelidade" ao texto freudiano, a busca do retorno a Freud, a procura por *uma versão francesa tão fiel, rigorosa e coerente quanto possível* (1992, p.01), ou por um *Freud freudiano (...) um Freud aberto às interpretações e não fechado em nome de determinada ideologia* (p.26). Laplanche pretende conseguir uma transparência absoluta e realizar seu trabalho evitando e mesmo ignorando o trabalho de Lacan e quaisquer contribuições que ele pudesse ter trazido à psicanálise¹⁵, como a própria valorização das questões conceituais e tradutórias, que parecem ter surgido principalmente após o surgimento da obra lacaniana (cf. Volich, 1989, p.2). Ao contrário de Laplanche, Thom não só considera o trabalho de Lacan, como opta por termos sugeridos por ele.

O fato de Laplanche procurar traduzir sem qualquer tipo de influência é um reflexo da concepção de tradução que rege seu trabalho, acreditando, juntamente com Pontalis, que é preciso conhecer Freud, *mover-se na totalidade da obra como em um meio natural* (1982, p.33), saber o que ele designa quando utiliza uma palavra, não apenas traduzir *segundo o contexto*, o que seria *abrir a porta ao arbitrário do tradutor* (p.36). Esses autores apresentam, inclusive, as características consideradas ideais para se

¹⁵Roudinesco caracteriza o projeto de Laplanche como uma "deslancanização" do discurso psicanalítico, afirmando que os principais problemas da tradução laplanchiana são: ignorar a conceituação lacaniana e pretender uma transparência absoluta (cf. Michaud, 1989, p.107 e Volich, 1989, p.5).

traduzir Freud da melhor maneira possível: uma equipe formada por germanistas, psicanalistas e filósofos que conheçam tanto o alemão como o francês, que possuam o “rigor” necessário e que respeitem as ambigüidades e obscuridades do texto (cf. p. 36).

Percebe-se, entretanto, que as características consideradas “ideais” não estão sendo assim consideradas pelos leitores, pois há inúmeras críticas dirigidas ao trabalho de Laplanche e sua equipe. A principal refere-se ao fato de pretenderem um resgate do texto freudiano com um rigor e uma transparência ilusórios, principalmente porque sempre há vários fatores influenciando e permeando a realização de uma tradução. Há ainda o fato de procurarem traduzir um termo sempre pelo mesmo equivalente, o que Souza designa como “princípio da homogenia”. De acordo com Souza, a obediência incontestada deste princípio demonstra que Laplanche e equipe estão deixando de considerar que *um termo pode ter vários sentidos ou nuances de sentido, segundo o contexto onde se encontre* (1994, p.6). Souza critica ainda a criação de neologismos, que representam *artificialismos que decorrem de uma concepção equivocada do uso lingüístico, e da não consideração de diferenças essenciais entre o alemão e o francês* (p.13).

Michaud compartilha desta opinião afirmando que a concepção que norteia Laplanche e sua equipe é a da “tradução literal” ou “palavra por palavra”, em que as expressões usadas não deixam o leitor se esquecer de que está lendo uma tradução. Considerando também que a posição do grupo é *dogmática, homogeneizante, quase teológica* (cf. 1989, p.116), Michaud questiona:

Se cada língua parece destinada, mais e mais irremediavelmente, a ter o seu Freud, o qual não será necessariamente o mesmo de uma língua para outra, nem mesmo nas diversas traduções feitas em uma única língua, qual é o "Freud francês" que nos propõe esta primeira edição histórica e crítica das obras completas do fundador da psicanálise? (1988, pp.126-127)

Qualquer que seja a resposta a esta questão, podemos afirmar que o *Freud francês* que Laplanche e sua equipe estão propondo parece não estar correspondendo ao esperado, não só porque não leva em conta todo o desenrolar da história psicanalítica, mas também porque pretende uma tradução que seja independente de qualquer ideologia, esquecendo que a postura da equipe representa inevitavelmente uma posição ideológica.

Assim como ocorre com a **Standard Edition**, a tradução de Laplanche, mesmo antes de ser publicada, já despertava questionamentos, o que não o impediu de continuar seguindo determinados procedimentos, procurando fazer de sua tradução uma *referência de base*, uma *restituição* de Freud, sem interpretá-lo (cf. Volich, 1989, p.9). De acordo com Laplanche, seu objetivo não é *unificar a psicanálise francesa*, mas *restituir um Freud o mais freudiano possível, uma vez que ele tenha se expressado em suas nuances, em coisas que as pessoas com frequência não perceberam* (apud Volich, p.9).

A tradução freudiana na França, além de apresentar *combates epistemológicos* e *disputas terminológicas e teóricas* (Michaud, 1988, p.126), apresenta também questões de conflito institucional e de disputa editorial (cf. Volich, 1989, p.2), que repercutem sobremaneira nas traduções. Assim como todo um contexto histórico favoreceu um

determinado desenvolvimento no caso da **Standard Edition**, as circunstâncias que cercaram a psicanálise na França, marcadas principalmente por divisões institucionais, favoreceram um outro tipo de situação.

Tanto no caso da edição inglesa, como no caso das versões francesas, percebemos uma disputa pela autoridade em relação à transmissão do pensamento freudiano, e em relação ao próprio modo de traduzir tal ou tal conceito psicanalítico. Além disso, a *IPA* como a principal mantenedora de uma estandardização da linguagem freudiana (cf. Steiner, 1988, p.191), tem o poder institucional de legitimar uma determinada tradução, o que acaba por interferir em outras, como no caso das francesas. Mesmo assim, a *IPA* não pode impedir que haja ramificações e que outras traduções possam ser usadas. Nesse caso, a tradução aparece como lugar de resistência e de mudança de curso.

2. A tradução de Freud no Brasil: algumas considerações.

Do mesmo modo que as traduções das obras de Freud na Inglaterra e na França traçaram caminhos diferentes, no caso da edição brasileira também notamos alguns aspectos peculiares, dos quais o principal talvez seja a própria falta de uma terminologia

brasileira, como afirma Cunha, ao comentar sobre a tradução do **Dicionário de termos de psicanálise de Freud**:

No decorrer da tradução da obra para o português, várias dificuldades precisaram ser superadas. Em primeiro lugar, até o presente momento, não foi dada a público uma terminologia psicanalítica brasileira, oficialmente aceita pelas organizações registradas na Associação Internacional de Psicanálise (1978, p.XI).

De acordo com Laplanche, é *simplesmente* escandaloso o fato de a **Edição Standard Brasileira** ter sido traduzida a partir da **Standard Edition**:

Não se pode traduzir uma tradução. Existe já uma certa perda na tradução em si, se perdemos de uma perda (*sic*), temos uma deformação crescente, algo impensável. Podemos nos referir a Strachey para examinar como ele compreendeu um problema específico. Mas traduzir Strachey é fonte de duas coisas: achatamento e dogmatismo. Pois o que resta da tradução da tradução é o dogma IPA, nada mais que o esqueleto dogmático, a carne desaparece. (apud Volich, 1989, p.10)

Não podemos deixar de concordar com Laplanche de que há certas características da edição brasileira advindas do fato de ter sido traduzida da edição inglesa. Contudo, o fato de ser uma tradução de outra tradução não é o único responsável para que esta

“perda” ocorra. A questão parece não ser esta, uma vez que não se pode assegurar que a tradução feita do alemão seria mais aceita ou estaria mais adequada.

Há outros aspectos envolvidos que, no caso da **Edição Standard Brasileira**, podem ser considerados como ainda mais complexos. Ao se traduzir um texto psicanalítico no Brasil devemos somar às características próprias das traduções inglesa e francesa, a influência em textos brasileiros, dessas traduções (da **Standard Edition** e das traduções francesas). Em relação à **Standard Edition**, a influência ocorre na própria **Edição Standard Brasileira**, enquanto a influência francesa é encontrada em textos mais recentes, muitas vezes discordantes da “edição padrão”, mas que refletem o uso efetivo das traduções.

De acordo com Souza, *a edição brasileira é lamentável não apenas pela infidelidade ao pensamento, como pela descaracterização do estilo de Freud* (1989a, p.159). Este julgamento é compartilhado por Carone, que considera a tradução mal escrita, com erros de português, incoerências teóricas, sendo *inteiramente permeada de termos abtrusos*, além da falta de padronização (não é standardizada), principalmente no caso de títulos, nomes de pacientes e conceitos freudianos básicos (cf. pp.168-169).

Desta forma, enquanto há críticas a Strachey por sua padronização, a edição brasileira padece justamente de uma falta de padronização. A crítica é justificável, em casos como o das referências: aparece um termo no índice, remetendo a uma determinada página em que este termo muitas vezes foi traduzido de modo diferente (cf. Carone, 1989a, p.169).

Segundo Steiner, a standardização da tradução inglesa ocorreu em uma situação particular e teve implicações ideológicas, culturais e institucionais, ou seja, na época, a adoção de uma linguagem padronizada representava um modo de poder, de autoridade, uma *linguagem profissional* que poderia confrontar o meio médico em geral (cf. 1988, p.184). Andréa Albuquerque acrescenta ainda que *a tendência era de apropriação da psicanálise pelo discurso médico, lapidando-a de forma a ser assimilada sem grandes discrepâncias pelas correntes científicas da época* (1993, p.18)¹⁶.

Embora a **Edição Standard Brasileira** tenha sido feita a partir da tradução inglesa, Carone afirma que:

Na sua imensa maioria, os erros da tradução brasileira nada têm a ver com os eventuais descaminhos da versão inglesa, nem são norteados por qualquer orientação filosófica particular. Trata-se pura e simplesmente de falta de competência e responsabilidade no trabalho intelectual. (1989a, p.161)

Para exemplificar a *falta de competência e responsabilidade*, a autora cita vários exemplos, como o caso dos termos *regressão*, traduzido por *repressão*; *involução física*, por *involução psíquica*; *psicanálise selvagem*, por *psicanálise silvestre*, além de expressões que soam mal aos nossos ouvidos, palavras em português cuja escolha se baseia na proximidade com o som em inglês, como *possession* (posse), traduzido por

¹⁶Andréa Albuquerque faz parte do programa de pós-graduação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde desenvolve um trabalho sobre a relação entre o estilo e o desenvolvimento conceitual das idéias de Freud.

posseção e *ordinance* (prescrição), traduzido por *ordenança*, entre outros (cf. 1989a, pp.162-165).

Há ainda uma crítica à tradução do termo *insight*, a única palavra padronizada na edição brasileira, traduzida por *compreensão interna*, com o termo *insight* entre parênteses. Para Carone, o "rigor" com esta tradução não se justifica se levarmos em conta a **Standard Edition**, mas descreve a *visão intuicionista* da **Edição Standard Brasileira** (cf. p.176). Além de a edição inglesa apresentar vários termos que traduzem o *Einsicht* alemão, outra justificativa dada para a não padronização é que o *insight* psicanalítico, como conhecido atualmente, não foi desenvolvido por Freud, por isso é visto por Strachey como um substantivo qualquer, e não como um conceito¹⁷. Para Carone, a padronização, neste caso, reflete a falta de importância da teoria no desenvolvimento da psicanálise e a falta de cuidado com os demais termos.

A situação da **Edição Standard Brasileira** difere da apresentada na tradução inglesa, voltada ao aspecto científico (apesar de também haver termos científicos na brasileira), e de algumas traduções francesas, em que os conceitos são trabalhados de forma a se chegar a um melhor resultado. No caso da **Standard Brasileira**, de acordo com Carone e Souza, aspectos como fluência e escrita gramaticalmente correta (um bom português) são negligenciados.

Ao contrário do que afirma Carone, consideramos que há algumas críticas dirigidas à **Standard Edition** que também se aplicam à **Edição Standard Brasileira**, como a questão da cientificidade e da descaracterização do estilo de Freud. Do mesmo

¹⁷A título de informação: enquanto conceito, o *insight* é pós-freudiano, vinculado especialmente ao referencial teórico da escola kleiniana (cf. Carone, 1989b, p.172).

modo, haveria características atribuídas à edição brasileira que podem ser aplicadas a outras traduções da obra freudiana. Carone declara ainda que:

Em suma, na falta de um vocabulário assentado e estável, extraído de um contato direto com o original, o que temos na psicanálise brasileira hoje é uma verdadeira Babel terminológica. A co-existência das influências inglesa, francesa, espanhola e argentina, somada à sua adaptação apressada e irrefletida para o português tende, entre outras coisas, a multiplicar a discussão de falsos problemas, com um dispêndio inútil de energias que poderiam ser mais bem aproveitadas. (1989c, p.187)

Através dos comentários sobre as traduções inglesa e francesa percebemos que esta *Babel terminológica* também ocorre nestas línguas, mesmo que apresentem características diferentes da **Edição Standard Brasileira**. No nosso caso, a *Babel terminológica* é mais notada devido ao fato de ter sido muito influenciada por outras traduções, como apontou Carone. Se, por um lado, o tradutor pode recorrer às várias traduções existentes, por outro, cada opção tem uma tradição ideológica que pode dificultar a escolha:

Entre as pessoas que se ocupam da psicanálise no Brasil hoje podemos muitas vezes reconhecer a tradução de que se serviram ou a corrente psicanalítica a que se filiam pelo seu *estoque*, ou seja, pelo tipo de opção terminológica que é

revelada quando falam a língua da psicanálise. O jargão escolhido passa a ser disputado palmo a palmo porque, em si mesmo, ele já é expressão de lealdade a esta ou aquela corrente (Carone, 1989c, p.180).

Ao escolher *instinto* e *repressão*, o tradutor pode estar seguindo o inglês ou o espanhol, mas se opta por *recalque* e *pulsão*, a influência é francesa. Se *parapraxia*, *ansiedade*, *mente e mental*, inglês; se *ato falho*, *angústia*, *psiquismo* e *psíquico*, francês ou espanhol. Ao mesmo tempo em que se consideram as influências de outras línguas, há o fato de se estar ou não seguindo a "versão oficial", ou seja, aquela "imposta" pela *Associação Internacional de Psicanálise*. Para Carone:

Há certamente muitos outros caminhos para se pensar como foi possível a realização, no Brasil, de uma das mais grosseiras traduções de Freud que se conhece - e o que é pior, como se explica sua quase tranqüila aceitação pelo público leitor durante tantos anos. (1989b, p.176)

A autora afirma ainda que a versão brasileira de Freud *deserve gravemente o estudioso que dela queira fazer uso* (1989b, p.166). A questão não se resume em "querer fazer uso", há um fato importante, o de não haver outra edição disponível para que o leitor possa optar. De qualquer maneira, recorre-se à **Edição Standard Brasileira**, e a tradução, boa ou má, acabou por desencadear um certo desenvolvimento da psicanálise no Brasil: determinados termos foram adotados a partir de sua utilização na edição das

obras completas, enquanto outros acabaram por desenvolver-se de forma diferente da apresentada.

A tradução brasileira tem aproximadamente vinte anos, e há cerca de dez foram publicados os comentários sobre ela, apresentados por Carone e Souza. Depois disso, começou a sair a "nova" edição de Freud, com algumas mudanças (*atos falhos*, e não *parapraxias*; *recalcamento*, e não *repressão*), mas isso é considerado pouco para designá-la como "nova", principalmente tendo em vista os vários pontos já levantados em relação à edição anterior (cf. Souza, 1989b, p.190).

Até 1990 haviam sido revisados os volumes de números I a VI. Todos permaneceram com indicação do tradutor da edição anterior, e revisão de Vera Ribeiro. Com exceção do volume I, que em 1990 teve lançada sua terceira edição, os demais, em segunda edição, datam de 1987. O volume VII, cuja segunda edição data de 1989, aponta Vera Ribeiro como tradutora, sem indicação de revisão¹⁸.

Entre os volumes que estão na primeira edição, há um de 1970 (XI) sem indicação de tradutor nem de revisor. O volume X, além dessas omissões, também não apresenta a data de publicação no Brasil. Há dois volumes de 1974 (XIV e XXI), um de 1975 (XXIII, sem revisão), sete de 1976 (IX, do XV ao XX e XXII, apenas o XVIII com indicação de revisão), um de 1977 (VIII). Os volumes XII, XIII e XXIV (índice) também não apresentam a data de publicação.

Diante do descrédito perante a **Edição Standard Brasileira** e dos inúmeros problemas apontados em relação à tradução, há uma expectativa de que as edições

¹⁸Estamos nos referindo especificamente à revisão da tradução, e não à revisão técnica, que, juntamente com a direção geral, ficou a cargo de Jayme Salomão.

revisadas preencham lacunas deixadas pela edição anterior. Há uma proposta da Editora Imago, que detém os direitos de representação, divulgação e tradução, no sentido de receber *críticas, sugestões ou observações acerca da atual edição das Obras de Freud* (vol. V, 1987, p.675). Há também uma nota da revisora Vera Ribeiro alegando o reconhecimento de que *o texto revisto ainda poderá abrigar novas correções e alterações* (cf. vol. IV, 1987, p.09). Tudo isto indica uma preocupação maior em esclarecer o porquê de uma determinada opção, quando esta não parece ser a mais utilizada, como é o caso de se manter o termo *catexia* (e não *investimento* ou *ocupação*¹⁹, por exemplo) devido ao estabelecido no trigésimo quinto *Congresso Internacional de Psicanálise* realizado em 1987 no Canadá (cf. vol. IV, 1987, p.9).

Se, por um lado, novos aspectos são considerados quando se traduz a obra freudiana, por outro ainda se busca um retorno a Freud sem passar pela história, sem considerar o momento que estamos vivendo, como é a postura apresentada por Laplanche. Souza acredita que Laplanche e sua equipe *estão desperdiçando a oportunidade de fazer a mais bela e mais fiel tradução das obras de Freud* (1994, p.6). Contudo, podemos questionar o que seria esta "fidelidade", já que Laplanche julga ser fiel a Freud, como Strachey também julgava sê-lo, conforme podemos observar em seu prefácio quando afirma que tinha como objetivo apresentar Freud, todo Freud, e nada mais que Freud (1990, p.21). De acordo com Mahony, *por admirável e fluente que seja a tradução de Strachey, com bastante frequência ela tropeça em questões de precisão científica e com maior consistência em sua qualidade afetiva* (1990, p.22).

¹⁹Proposta de Gabbi Júnior na tradução do *Projeto de uma psicologia*, de Freud.

Ao lado dos “problemas” da **Standard Edition** e das versões francesas temos a complexidade da **Edição Standard Brasileira**, influenciada pelas anteriores:

Hoje, passadas várias décadas desde a redação do texto freudiano original, e assentadas não uma, mas várias tradições de terminologia em psicanálise, cada uma delas com sua inserção histórica e sua ideologia particular, a tarefa do tradutor de Freud se vê por um lado facilitada pela verificação dos erros já cometidos e por outro, dificultada pela grande variedade de opções de tradução, cada uma com sua tradição e suas razões próprias. (Carone, 1989c, p.182)

As várias opções encontradas durante a tradução de Thom fazem parte, portanto, da psicanálise em geral, e podem também ser encontradas nos textos de Freud: em ambos os casos, cabe ao tradutor decidir. As dúvidas surgidas durante a tradução receberam, então, um outro enfoque. Não bastava optar por um termo ou por outro, havia uma necessidade de saber que fatores estavam interferindo na tradução, e as possíveis consequências que ela poderia acarretar. Ao considerarmos estes aspectos, procuramos auxílio nos dicionários que tratavam especificamente de termos psicanalíticos, em uma tentativa de entender os *conflitos de tradução* encontrados nos textos de psicanálise.

3. Fontes divergentes: o dicionário de psicanálise.

No intuito de esclarecer a questão da multiplicidade de termos considerados no interior de uma rede conceitual da psicanálise, passamos a abordar o **Dicionário Crítico de Psicanálise**, de Rycroft (adotado na tradução da **Edição Standard Brasileira**), no qual percebemos algumas preocupações semelhantes às aquelas apresentadas por Thom. Um dos aspectos apontados refere-se à posição de um termo dentro da *estrutura total de referência da teoria analítica* (1975, p.7), ao lado das dificuldades para a compreensão de uma série de conceitos, advindas da *passagem* de uma língua para outra (cf. 1975, p.13).

Rycroft alerta para o fato de as *dissenções internas e divergências teóricas* tornarem difícil o conhecimento de *quais os livros sobre psicanálise que são definitivos, autorizados e corretos, e quais os que são controversos, inortodoxos e mal informados* (1975, p.21), e apresenta, como uma solução possível, algumas referências bibliográficas, cujo intuito é levar o leitor *seja às fontes originais, seja a exposições claras e fidedignas* (1975, p.21).

Entretanto, a resolução apresentada por Rycroft não nos pareceu satisfatória, em primeiro lugar, por basear-se na terminologia inglesa, não apresentando as nuances trazidas pelas traduções francesas, no caso, extremamente importantes, já que Thom,

como vimos, refere-se a aspectos desenvolvidos por Lacan, algumas vezes adotando a tradução comumente utilizada na França. Em segundo lugar, o dicionário, como qualquer obra, é datado, e as fontes *claras e fidedignas* apresentadas na referência estendem-se até o ano da publicação do dicionário, desconhecendo outras fontes confiáveis posteriores a 1968, ano da publicação da obra em inglês. Considerando estes aspectos, e principalmente a utilização de alguns termos vindos do francês no texto de Thom, resolvemos consultar o **Vocabulário da Psicanálise**, de Laplanche e Pontalis, que, como vimos, constitui uma obra de referência para os textos psicanalíticos.

Novamente a preocupação com a organização conceitual é abordada, desta vez por Daniel Lagache que, na introdução do **Vocabulário**, afirma que a questão lingüística assume um plano secundário na obra freudiana, visto que se faz necessário, primeiramente, *encontrar fatos, idéias, quer dizer, a organização conceitual da psicanálise* (1975, p.X). A proposta apresentada é semelhante à de Rycroft: basear-se em referências e citações para justificar as conclusões a que chegaram. Ou seja, procura-se uma referência de base, para que se tenha respaldo, seja legitimado e aceito em um grupo.

No **Vocabulário da Psicanálise**, Laplanche e Pontalis reconhecem aspectos não apresentados por Rycroft, seja abordando a história do movimento psicanalítico e a sua evolução, seja mostrando os termos utilizados e os que já caíram em desuso, ou aqueles que consideram inadequados. Traz ainda a tradução dos termos em cinco línguas: francês, inglês, espanhol, italiano e português. O objetivo maior é *pôr em evidência um certo número de dificuldades especificamente terminológicas e estabelecer algumas*

propostas destinadas a fixar a terminologia que, freqüentemente, necessita de coerência na língua francesa (Laplanche e Pontalis, 1975, p.XVI).

Embora o **Vocabulário** esclareça alguns aspectos, a questão principal ainda permanece: tanto Rycroft como Laplanche apresentam uma determinada organização conceitual, e uma difere da outra. Ambos procuram o respaldo de outras obras e, assim, cada fonte consultada traz uma tradução diferente para os termos de que estávamos tratando.

Uma vez instalado esse *conflito de traduções*, buscamos ir além dos aspectos discutidos por Thom, não só porque se limitavam às versões inglesas e à influência de alguns termos provenientes de traduções francesas, mas porque fez-se necessário, em nossa tradução, considerarmos além da influência das duas línguas tratadas, as implicações das mudanças ocorridas na **Edição Standard Brasileira**, que, no caso, representa uma terceira língua.

Em mais uma tentativa de esclarecer os conflitos de tradução, que não tinham sido esclarecidos através dos dicionários consultados, recorremos a um artigo de This e Thèves, que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do texto de Thom, uma vez que, como ele mesmo afirma, seguiu o comentário dos dois psicanalistas *linha por linha, palavra por palavra* (cf. 1981, p.163). No texto *Comment peut-on traduire Hafiz ... ou Freud?*, This e Thèves explicam suas opções e retomam a trajetória da tradução apresentando um estudo sobre a formação de palavras em alemão com prefixo *Ver-*. Eles justificam suas decisões não apenas terminologicamente, como afirma Thom, mas mostrando também algumas implicações decorrentes de suas escolhas. De acordo

com os dois psicanalistas, já no título é necessária uma decisão entre negação ou denegação, o que indica a posição que será tomada: *optar por "a negação" é escolher a tradução da "Sociedade Parisiente de Psicanálise", reconhecida oficialmente pela "Sociedade Internacional de Psicanálise". Um "comitê de tradução" impôs a versão oficial que se deve citar* (1982, p.43, destaque meu). A “relação de poder” envolvida na tradução oficial explicitada e, neste caso, representada pela IPA. Entretanto, essa “versão oficial” não será seguida por This e Thèves, que optam por *denegação*, seguindo Lacan e Hyppolite.

Como ocorre no caso da **Standard Edition**, nem todos os termos são aceitos ou adotados pelos psicanalistas e tradutores de textos psicanalíticos, e a versão considerada oficial dá lugar a outras, demonstrando o poder da associação, escola, instituição ou sociedade para a qual o texto traduzido se destina.

Uma vez que cada grupo de psicanalistas tem uma maneira de considerar o original, mesmo que se pretenda resgatá-lo, recuperando as supostas intenções do autor, haverá sempre várias leituras, as quais nem sempre são aceitas pelos outros grupos. Em decorrência dessas diferentes interpretações aparecem as várias críticas às traduções, baseadas principalmente em uma fidelidade ao texto original, que não é respeitado. Também decorrente desta concepção de original/intocável aparece a figura do tradutor como traidor, como aquele que não respeita o texto do qual sua tradução está partindo.

A partir da própria situação que encontramos em nossa tradução de um texto psicanalítico- situação onde se cruzam as várias traduções possíveis- os múltiplos fatores que cercam a realização dessas traduções e a conseqüente impossibilidade de um sentido

único acabaram por nos levar a considerar outros aspectos relacionados à tradução, desenvolvidos principalmente por Rosemary Arrojo (1992).

Partindo de uma concepção que não julga a tradução como secundária, como uma perda, e que não considera o tradutor como aquele que traiu o autor ou o original, passamos a abordar alguns pontos “cegos” dos comentários às traduções da obra freudiana. Em primeiro lugar, a questão da fidelidade: muitas vezes não se busca apenas ser fiel ao texto, mas ao autor, às suas intenções, ao que ele quis dizer, ao seu estilo. Strachey julgava-se fiel a Freud, como Laplanche também se julga; nestes dois projetos de tradução há uma ilusão de que esta fidelidade foi alcançada, apesar de tanto um como o outro serem criticados pelas suas traduções.

Como afirmam Cesarotto e Leite, todos os grupos acreditam-se autênticos seguidores de Freud (1987, p.35). Ou, mais ainda, como sustenta Hermann (1983):

Ora, se tudo pode ser ou não, é possível afirmar uma idéia qualquer como sendo a única correta, desde que se tenha meios para sustentá-la. O grupo dominante afirma como verdadeira e única a idéia que lhe parece; e, quando se defronta com alguma oposição, não a atribui a outra maneira de ver os fatos, mas a uma intenção maligna e perversa de quem a sustenta (p. 114).

Não é possível ser fiel levando em conta características que supostamente estariam presentes nas palavras, porque o sentido não se encontra “na” palavra, ele é produzido, de acordo com as circunstâncias que cercam essa produção. Pode-se ser fiel a uma

determinada concepção de tradução, a uma determinada interpretação do texto original, a certos objetivos e à comunidade à qual a tradução se destina, com base no tempo em que vivemos, nas regras e convenções que regem nossa comunidade e em nossas circunstâncias sócio-histórico-ideológicas (cf. Arrojo, 1986 e 1992).

A infidelidade atribuída à tradução de Strachey justifica-se, normalmente, a partir da presença de uma cientificidade que não se encontra no texto de Freud. Novamente a questão se repete: o que é científico para um grupo, pode não o ser para o outro. Além disso, os termos científicos, muitas vezes criticados, passaram a fazer parte do vocabulário utilizado na psicanálise e a argumentação de que representam um distanciamento, ao invés de algo do dia-a-dia, como era o desejado, deixa de ser válida (como é o caso de *id*, *ego*, *superego*).

Ao lado da “cientificidade” criticada na tradução de Strachey, temos a questão da padronização do texto psicanalítico, que nos leva a questionar a possibilidade de padronização dos termos, a unificação e a conseqüente simplificação do vocabulário utilizado na psicanálise. A padronização proposta por Strachey, como foi dito, ocorreu em uma situação específica, diversa das condições em que a psicanálise se encontra atualmente, quando várias ramificações se formaram, favorecendo diferentes desenvolvimentos. Assim, para estabelecer uma padronização hoje, é necessário optar por obedecer a determinadas convenções: não se pode simplesmente ignorar as transformações ocorridas na psicanálise. De todo modo, estamos sempre seguindo regras definidas e aplicáveis a um caso particular: não há uma fórmula “mágica” que faça com que um dicionário ou uma tradução sejam os únicos possíveis, mesmo que seja este o

objetivo de seus elaboradores, como parece ser o caso do **Vocabulário da Psicanálise**, de Laplanche e Pontalis. Na época de sua publicação, de acordo com Nicholas Abraham (1995), o **Vocabulário** visava a *constituir um corpus juris com força de lei* (p.192) e embora vários termos ali apresentados não sejam mais utilizados, especialmente em publicações recentes, ele ainda pode representar uma *força de lei* para determinados grupos (como na própria época da publicação). Como afirmam Arrojo e Rajagopalan (1992):

se não podemos encontrar nenhum significado desatrelado de um interesse ideológico e de uma perspectiva, e se é a partir desses significados ideologicamente marcados que produzimos não apenas a leitura de qualquer texto mas também as formas e as características de qualquer instituição; ou seja, se, em última análise, cabe ao homem esse poder de criar significados e instituições, é, no mínimo, justo que esse jogo seja apresentado como tal (pp.90-91).

Se *cabe ao homem o poder de criar significados*, este é também o poder do tradutor, o de criar, de decidir e de produzir sentidos. Entretanto, também cabe a ele a responsabilidade autoral de seu texto, o que não deixa de ter muitas implicações, ou seja, o tradutor não pode optar pelo termo que quiser, já que diversos termos são possíveis: muitos aspectos estão em jogo. Como afirma Marisa Grigoletto(1992), os sentidos são determinados e limitados *numa restrição imposta pelas instituições. Estas detêm o poder*

como reguladoras do dizer e dos significados permitidos, de forma que os limites de cada instituição são os limites da significação (p.95).

Em relação à tradução de textos psicanalíticos a questão dos *limites de cada instituição* é ainda mais manifesta, uma vez que a tradução reflete as influências latentes no texto traduzido, trazendo à tona o poder institucional em vigor em um determinado momento. Ao lado da associação tida como oficial, várias outras foram surgindo, novas tendências foram se formando. Entre as associações tão importantes quanto a *IPA*, podemos citar a *École Freudienne de Paris* ou a *Associação Psicanalítica da França*. No Brasil, temos vários grupos psicanalíticos, entre eles a *Sociedade Psicanalítica Brasileira*, única associação filiada à *IPA*.

O papel dessas instituições é questionado por Steiner, com a declaração de que qualquer empreendimento de retradução, com o intuito de preparar uma nova **Standard Edition**, seja em inglês ou em qualquer língua, corre o risco de dogmatismo:

especialmente se as instituições que patrocinam e garantem o empreendimento forem inflexíveis, não preparadas para se abrirem a mudanças, relutantes em aceitar o valor da pluralidade de sugestões e interpretações baseadas em uma pluralidade de experiência (1988, p.192).

Percebe-se, neste caso, que há a influência não só das instituições para as quais a tradução se destina, como também das instituições responsáveis pelo empreendimento editorial. Muitas vezes, cabe ao editor decidir se *a informação é atual, relevante e se*

merece ser publicada, como afirma Theodore Shapiro, editor do *Journal of the Psychoanalytic Association* (1993, p.26). Em certos casos, ainda de acordo com Shapiro, o editor sente que está *sendo colocado no centro da controvérsia psicanalítica, mais do que em seu lugar normal de árbitro e pastor das idéias psicanalíticas* (1993, p.27), cujo trabalho é recompensado quando há *a utilização, a circulação* dentro de um campo.

Há uma forte influência das instituições e um direcionamento por parte dos editores para que as publicações (e as traduções) sejam aceitas pelos integrantes dessas instituições, mas a questão da tradução não se resume a isto, uma vez que as instituições não garantem, por si sós, que a transmissão da psicanálise se dará de uma forma ou de outra.

Apesar de haver sempre uma organização conceitual adotada por uma determinada instituição, isto não implica que haja uma correspondência direta entre a instituição e a maneira pela qual um termo está sendo utilizado na designação de um conceito, pois este mesmo termo pode também ser utilizado por outra instituição, que tenha outros pressupostos. Desta forma, há um entrelaçamento de concepções e não uma delimitação²⁰ em relação a um grupo determinado.

A preocupação com a organização conceitual é recorrente entre os psicanalistas, como vimos em Thom, Rycroft, Lagache, Laplanche e Pontalis. A partir das questões surgidas na tradução do texto de Thom, juntamente com as críticas às traduções de Freud, passamos a considerar que a tradução influencia e é influenciada pela organização conceitual na qual a psicanálise se apóia. Entretanto, julgamos que esta organização não

²⁰É o caso, por exemplo, de Vidal que, apesar de adotar concepções lacanianas, não concorda com a tradução de *Verneinung* por *denegação*, proposta por Lacan.

está “pronta” em lugar algum, porque, como a tradução, ela depende de alguém que a realize; assim, não há uma única organização de conceitos, pois cada grupo parece ter uma maneira de ordená-los. Há uma possibilidade de vários termos, mas apenas um será privilegiado naquele momento, naquela tradução, e isso deverá ser levado em conta na própria organização conceitual da psicanálise, na medida em que cada termo desencadeará certas associações com outros, formando uma cadeia de significações.

A tradução, enquanto parte da produção dos conceitos psicanalíticos, acaba por determinar o seu desenvolvimento: acaba por fazer parte da teorização psicanalítica. Como afirma Hermann (1983), *o sentido de um conceito teórico está dado, em grande parte, por sua produção: a teoria significa o processo que a cria e a utilização que se lhe dá* (p.29).

Retomando à citação de Péraldi, podemos concordar que os *conflitos de tradução*, as várias traduções possíveis que atravessam o discurso psicanalítico devem ser consideradas, uma vez que poderão acarretar determinadas consequências, interferindo na interpretação da psicanálise. Contudo, não há uma maneira única de delimitar qual é a tradução que deve ser feita: vários fatores influenciam as decisões do tradutor que, por sua vez, poderão ocasionar determinados efeitos no discurso psicanalítico.

A tradução psicanalítica traz à tona aspectos como a cientificidade, a padronização e a standardização dos termos, além da questão da fidelidade a Freud e a uma determinada instituição. A preocupação com estes fatores acarreta críticas como as que vimos, direcionadas às traduções freudianas. Muitas vezes busca-se uma justificativa

para as críticas ou para as traduções recorrendo ao que Freud disse sobre tradução, como vimos em Mahony, Péraldi, This Thèves, e podemos confirmar com a afirmação de Laplanche de que:

a reflexão sobre a análise e sobre a tradução se tornaram cada vez mais concomitantes. Foi um enriquecimento considerável de uma e de outra que me permitiu encontrar uma orientação igualmente freudiana na famosa “Carta 52 a Fliess”, onde Freud assimila a evolução do psiquismo a uma sequência de traduções (...). Minhas reflexões sobre a linguagem e sobre a psicanálise enriqueceram meu pensamento sobre a tradução. (apud Volich, 1989, p.11)

Da mesma forma, Michaud recorre aos comentários de Freud sobre sua tradução de Charcot (cf. 1989, p.113), assim como Carone, que procura um *critério norteador* para as opções de tradução no próprio Freud, na maneira como *ele concebia ou idealizava a linguagem da psicanálise* (1989, p.182). Juntamente com os aspectos mencionados temos, então, o poder do nome de Freud, como uma das principais características da tradução psicanalítica, que muitas vezes leva a um cuidado maior com a tradução, visando a uma interpretação “correta” de sua obra.

As questões abordadas na tradução do texto freudiano fazem parte de outras traduções psicanalíticas, como de nossa tradução de Thom, principalmente no que diz respeito à escolha de um termo ou outro e as consequências desta escolha para a psicanálise. As *fissuras* consideradas por Thom na ordenação conceitual, apesar de não

aparentes, também parecem fazer parte das traduções abordadas através das críticas de psicanalistas. Nossa proposta consiste em discutir mais detalhadamente a questão das *fissuras* relacionada à organização conceitual psicanalítica, que apresentaremos no próximo capítulo.

TERCEIRO CAPÍTULO

1. Tradução e psicanálise: além do aspecto terminológico.

A **Edição Standard Brasileira**, como foi dito, apresenta características específicas, que a tornam diferente da **Standard Edition**. Um aspecto diferenciador é a falta de padronização dos termos que, para Carone (1989b), ilustra a falta de preocupação teórica com os conceitos psicanalíticos. Um outro exemplo citado é o caso do termo *Ziel* (*aim*, em inglês) que corresponde a *alvo* em português, mas pode ser traduzido por *objetivo*, *designio*, *propósito*, *fim*, *finalidade* e *objeto* (p.168), perdendo-se a idéia de conceito enquanto instrumento de classificação, ou seja, os conceitos acabam por se diluir entre os vários termos utilizados para designá-los: não há uma incidência dos conceitos sobre os termos.

Ao mesmo tempo em que se critica a não estandardização, critica-se a única padronização encontrada nas versões da **Edição Standard Brasileira** - *compreensão interna* tradução da palavra *insight*, que aparece entre parênteses, diferindo totalmente da **Standard Edition**, na qual o termo alemão é traduzido por *perception*, *comprehension*, *information* e *discovery*, de acordo com o contexto em que é empregado. De acordo com Carone, Strachey *sentiu-se inteiramente à vontade para recorrer à sinonímia, porque de fato não estava diante de um termo técnico em Freud, nem mesmo diante de*

um conceito freudiano propriamente dito (p.171). O fato de este ser o único termo padronizado representa, para Carone, o aspecto intuicionista da psicanálise brasileira, como se pode depreender de sua afirmação:

Acreditamos que se existir, dentro das ideologias psicanalíticas correntes, uma posição que abriga e permite a racionalização da imprecisão terminológica, a indiferença ou mesmo desprezo com relação à teoria, em favor desta espécie de iluminada inspiração chamada *insight*, será justamente a visão intuicionista da psicanálise, na sua vertente perversa. Para ela, não importa muito saber se Freud falou alhos ou bugalhos, porque isso é secundário diante da “intuição clínica” e da “sensibilidade”. Concebendo o estudo como forma de defesa e de intelectualização, pode-se trabalhar sem teoria, sem técnica, sem interpretação, sem memória...mas com *insight*. (1992b, pp.175-176)

This e Thèves apresentam uma postura diferente daquela apresentada pela edição brasileira, mostrando uma relação de complementaridade entre a teoria e a prática, ilustrada pelos vários comentários sobre a tradução colocados ao lado da tradução do texto de Freud (*Die Verneinung*). Este trabalho é considerado fundamental tanto para o entendimento do texto freudiano como para a abordagem dos aspectos envolvidos no ato tradutório, pois representa uma *sofisticação teórica* aplicada à tradução (cf. Pines, 1988, p. 178), um auxílio para o entendimento da conceituação psicanalítica (cf. Junker,

1988, p.218) e as traduções vindouras devem ser *tão sensíveis lexicamente* quanto este trabalho de This e Thèves (cf. Mahony, 1990, p.22).

A *operação guerreira* na qual o tradutor intervém ao escrever um outro texto fica mais explicitada com This e Thèves, pois consideram não só a inevitável atualização do texto psicanalítico como também a influência de diferentes escolas/instituições. Eles definem tradução a partir do termo alemão *Übersetzen*, várias vezes utilizado por Freud:

Em alemão, traduzir é *Übersetzen*, colocar sobre: a palavra recobre, supera, ultrapassa, domina, predomina, e a "passagem" assemelha-se a uma *operação guerreira*: há nesta elevação da palavra uma ameaça, até uma violência mortal, uma sobrecarga (*Überschreiben*) que esmaga e faz desaparecer o que estava primitivamente inscrito (*Übertragen* é transcrever). Se a escrita se diz *Schrift*, o *Überschrift*, traduzido por transcrição, é uma sobrecarga, *uma escrita sobre outra*. O que é feito da primeira escrita? Ela é suprimida, reprimida, passada para baixo, sob silêncio (*Unterdrücken*) (1982, p.39, destaque meu).

A *escrita sobre outra* só pode ser feita a partir de uma interpretação, como observamos no questionamento dos dois psicanalistas: *não existe uma leitura única, objetiva, inocente: se toda leitura já é uma interpretação, e o leitor lhe atribui, imediatamente, um sentido, o que dizer da tradução?* (p.40). Podemos acrescentar: o que dizer da tradução de termos psicanalíticos? Neste caso, além do poder institucional que possibilita que em uma mesma época várias traduções estejam coexistindo, temos

também a questão do movimento de conceituação da obra freudiana e a maneira como ela é considerada pelos psicanalistas, como This, Thèves, Mahony e Péraldi.

Traduzir, portanto, é muito mais do que a suposta ilusão de transportar significados de uma língua para outra ou resgatar o que estaria no “original”: é produzir um novo texto, suprimindo o anterior, considerando não só a inevitável atualização do texto psicanalítico como os efeitos que uma tradução pode ter. Esta supressão não se faz de forma aleatória, mas baseia-se nas convenções do grupo ao qual a tradução se destina, na época em que se realiza, e nos pressupostos teóricos que direcionam o trabalho do tradutor. A teoria tem importância primordial, tanto para a tradução como para a psicanálise:

É esta atividade de teorização que constitui o ponto de referência mais seguro de sua prática, é ela que dá a seus métodos e a suas técnicas seu verdadeiro sentido, é ela, e não a posição de poder sempre arbitrária de tal supervisor em tradução ou de tal didata em psicanálise, cujo suposto-saber se resume muito freqüentemente a um argumento de força. A atividade teórica é a subversão mais eficaz dessas hierarquias de poder fundadas no suposto-saber, ela exclui a mediação autoritária de um terceiro para se tornar, ela mesma, a atividade mediadora e reflexiva entre um sujeito (...) e sua prática (...) (Péraldi, 1982b, p.11).

A teorização é considerada uma elucidação ou interpretação da prática, uma maneira de fundamentá-la, de refletir sobre ela, a partir do questionamento do que os conceitos e sua prática representam. No caso da psicanálise, esta teorização tem Freud como ponto de partida, seja para se referir aos conceitos psicanalíticos, seja para abordar a tradução, ou seja, muitas vezes busca-se um embasamento em Freud, no emprego que fez da tradução, como vimos em Mahony, Péraldi, Laplanche, This e Thèves; ou recorre-se às considerações freudianas sobre a linguagem e sobre a tradução propriamente dita, como nos mostram Carone e Michaud. Assim, como tenho insistido, a abordagem da tradução geralmente parte das considerações de Freud a este respeito.

Ao tratarmos da tradução de psicanálise, somos influenciados pelos fatores que a cercam, tanto no que diz respeito a um determinado uso do conceito de tradução por Freud, como pelas concepções psicanalíticas que perpassam o texto e constituem a própria psicanálise. Ao lado desses aspectos, há o sujeito-tradutor que exerce influência sobre o texto traduzido, na medida em que a cada opção tomada privilegia um sentido, considerando não só as interferências do tempo e das perspectivas do grupo, como as relações entre os conceitos tratados.

Observamos que a relação da tradução com a psicanálise não se limita a considerá-la somente como objeto de estudo de uma tradução, principalmente por não podermos desvencilhar a psicanálise de tudo o que a constitui. Há um entrelaçamento entre a maneira como se considera a tradução a partir da psicanálise e a maneira como a tradução influencia o discurso psicanalítico, como é o caso do conjunto da obra freudiana que se conhece traduzida.

Ao lado da interferência dos grupos psicanalíticos temos a influência do próprio tradutor, enquanto um sujeito que produz o texto. A relação entre o sujeito-tradutor e o texto será sempre o resultado de uma interpretação, a partir de perspectivas do sujeito e das convenções que se dispõe a seguir. Mesmo que o tradutor saiba das mudanças ocasionadas a partir da escolha de um termo, ele não tem o domínio do que produz, isto é, seu texto poderá gerar várias interpretações, sem que ele controle o que ocorrerá com o discurso psicanalítico que produziu.

O tradutor enquanto sujeito tem um papel fundamental no processo de significação: no caso o sujeito não é aquele que *crê, em suma, poder “descobrir” “verdades” que não sejam construídas por ele mesmo, nem “contaminadas” pelo seu desejo* (Arrojo, 1992, p.15), assim, ele não é mais considerado autônomo ou separado da verdade, uma vez que ele a constrói:

Assim, a compreensão, num plano humano e “não-divino”, será, sempre, também “interpretação”, uma produção - e não um resgate- de significados que impomos aos objetos, à realidade e aos textos. A interpretação, ou a compreensão, escapa, portanto, a qualquer tentativa de sistematicidade pois a possibilidade de sistematizá-las implicaria, inescapavelmente, a própria possibilidade de se sistematizar e pré-determinar tudo aquilo que constitui o “humano”: o subjetivo, o temporal, o inconsciente e até mesmo suas manifestações sócio-culturais presentes e futuras (p.70).

A psicanálise, com a noção de inconsciente, não só proporciona o desencadeamento de uma *reflexão do homem sobre si próprio*, como possibilita a *desconstrução da autonomia do sujeito cartesiano*, que representa o “desmascaramento” do sujeito (idem, pp.13-14). A psicanálise em questão é aquela que *passa pelos textos da desconstrução de Derrida, em que a teoria e o teórico necessariamente se misturam, pela interferência do inconsciente* (cf. Arrojo, 1993, p.111). Juntamente com a aceitação do inconsciente, está implicada a aceitação da impossibilidade de uma relação objetiva entre o sujeito e tudo o que o cerca:

A psicanálise de Freud confirma o insight nietzschiano de que é o próprio homem o produtor de seu universo, suas ciências, suas metafísicas, suas “verdades”, através da linguagem e da capacidade de abstração que a torna possível e que arma o homem com seu mais preciosos instrumento de defesa e sobrevivência. Assim, o “lógico”, o “racional”, o “verdadeiro”, o “real” deixam de ser neutros e exteriores ao homem e passam a ser reconhecidos como parte e produto dele (...) (Arrojo e Rajagopalan, 1992, p.61).

Em **Gramatologia**, Derrida (1973) propõe a *de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de logos [a razão, a palavra de Deus, a fala, o discurso]. Em especial a significação de verdade* (p.13) e questiona os alicerces nos quais se funda uma tradição denominada, por ele, *logocêntrica*, que acredita

em uma verdade independente do homem, em um *logos* como origem de todas as significações.

Ao trazermos as reflexões de Derrida para a tradução, um dos principais pontos para a nossa abordagem é a impossibilidade de uma distinção clara e objetiva entre sujeito e objeto, e a conseqüente produção de sentidos pelo sujeito, que deixa de ser considerado o “receptor”: *o passivo decodificador de significados idealizado pelo logocentrismo passa a se conscientizar de sua interferência autoral nos textos que lê* (Arrojo, 1992, p.38). O tradutor, por sua vez, deixa de ser aquele que busca um transporte asséptico e a descoberta de significados no texto; mais ainda, a procura pela neutralidade e pela sistematização do ato tradutório, aspectos recorrentes no texto psicanalítico, dão lugar a outras concepções. Uma vez que há a interferência do tradutor em seu texto, há a produção de um novo, diferente do original, o que acaba sendo um empecilho para aqueles que esperam encontrar a neutralidade e a sistematização no ato tradutório, como é o caso dos teóricos Catford, Mounin, Aubert²¹, entre outros.

Ao pensarmos o objeto (texto) como algo que não se separa do sujeito (tradutor), ao considerarmos a impossibilidade de uma objetividade completa, passamos a adotar uma outra noção de “original”. O texto “original” tratado aqui difere, portanto, de como é considerado, por exemplo, por Souza, Carone, Bettelheim e Thom, pois representa não só o texto do qual se parte, que será influenciado por vários fatores, principalmente pelo

²¹Aubert, Francis H. *As infidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Unicamp, 1993. Catford, J.D. *Uma teoria lingüística da tradução*. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores da PUC- Campinas. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980. Mounin, G. *Os problemas teóricos da tradução*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

sujeito-tradutor, mas o novo texto que será produzido e sofrerá tantas interferências quanto o “original”.

O “original”, o texto de partida, é *suprimido, colocado para baixo*, como afirmam This e Thèves, o que nos leva a pensar em uma das analogias de Freud evocada por Derrida, a do bloco mágico, no qual há a inscrição de um escrito que se apaga, deixando a superfície do bloco virgem novamente, *pronta para receber novas inscrições* (Derrida, 1971a, p.217), no caso do “original”, pronto para receber novas leituras, que sempre terão a influência de quem o está lendo. Lembramos também da imagem do palimpsesto, utilizada por Arrojo (1986), que alude a esta mesma noção de texto que se apaga:

(...) o palimpsesto passa a ser a imagem exemplar do texto que não pode nunca ser "original": o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do "mesmo" texto (p.80).

O “original” deixa de ser um texto que deve ser recuperado, sem perdas e traições, para representar apenas o texto de partida, que não fica intocado após a tradução, mas que é apagado para dar lugar a um outro texto. Por sua vez, a tradução também deixa de ser o resgate do que supostamente está no “original”, esperando por alguém que o “descubra”, para ser uma das interpretações possíveis desses “original”, feita a partir de condições específicas:

A tradução aumenta o original, ela modifica o original que, enquanto sobrevive, não deixa de se transformar, de se desenvolver; e ela modifica o original modificando também a língua traduzinte; este processo de transformação tanto do original como da tradução é o contrato de tradução entre o texto original e o texto que se traduz. (Derrida, 1982, p.162)

A tradução enquanto *processo de transformação* aparece também nos textos freudianos, nos quais há uma identificação entre tradução e transformação: um fato citado é a postura assumida por Freud face às traduções de Charcot, em cujas introduções afirma que acrescentou notas, modificou títulos, incluiu *objeções e anotações críticas* aos textos traduzidos (cf. Freud, 1990, p.201), ou seja, deu a sua interpretação aos textos de Charcot. Consideramos esta identificação como uma das maiores contribuições de Freud, ou seja, a noção de tradução enquanto algo que depende de uma interpretação, e, como tal, é transformação. Apesar de afirmar que há esta identificação entre tradução e transformação nos textos freudianos, Mahony (1990) apresenta uma distinção entre eles, divergindo do que considera ser a opinião de Freud:

Mas apesar do fato de que de tempos em tempos Freud identificou tradução e interpretação e pareceu mesmo usar ambos como sinônimos para transformação, pode-se insistir em alguma distinção (...) A questão permanece

quanto a que tipo de distinção pode ser legitimamente mantido entre tradução e transformação (p.20).

A distinção apresentada consiste em relacionar “transformação” ao processo de desenvolvimento, entretanto, o próprio Mahony (1990) concorda com a identificação em alguns casos, como no *fenômeno de deslocamento e condensação, que acompanha a passagem do processo secundário ao processo primário na construção do sonho* (p.20). Ao aceitarmos a identificação entre tradução e transformação, estamos assumindo uma posição perante o “original”, que deixa de ser um texto imutável, resgatável, da mesma forma que a tradução deixa de ser um texto secundário.

As concepções que defendemos estão ilustradas pela nossa postura perante as traduções, e por aquilo que esperamos delas. Quando um psicanalista como Steiner (1988) relaciona a tradução a uma *aproximação*, ele parte de uma noção do que seria o texto psicanalítico (o freudiano ou textos mais recentes) e de uma noção do que seria a tradução que difere da que estamos tratando. Neste caso, ele parece estar considerando o original como um texto estático, imutável, que deve ser recuperado sem que haja interpretações errôneas ou distorcidas, entretanto a tradução pode levar a estas interpretações.

É importante ressaltar que os tradutores e psicanalistas apresentados, como Souza e Carone julgam que a revisão da tradução das obras freudianas é necessária, não porque já ocorreram muitas mudanças e a situação da psicanálise difere daquela em que se traduziu Freud de vinte a trinta anos passados, mas principalmente porque consideram

que há traições e incorreções enormes, principalmente na edição brasileira. Julgamos que as críticas à **Edição Standard Brasileira** são válidas, porém é preciso considerar as concepções que as embasam, ou seja, as falhas dessas traduções são, geralmente, justificadas como decorrentes de um desvio em relação às intenções de Freud, ao que ele quis dizer, negligenciando a importância das circunstâncias em que a psicanálise se encontra hoje. Aspectos como a cientificidade e a padronização que, como vimos, foram até certo ponto necessários na época em que a psicanálise estava se estabelecendo, já não respondem aos anseios atuais, quando há a interferência de vários grupos na determinação de um desenvolvimento para a rede conceitual psicanalítica.

Embora se tome conhecimento dos fatores que cercam a psicanálise, a preocupação com a fidelidade ou a traição ao texto freudiano continua sendo constante. Novamente a questão não se resume ao “ser ou não ser” fiel, mas aos critérios de fidelidade que se estabelecem: duas traduções diferentes, cada uma a sua maneira, podem “ser fiéis” para grupos diferentes, de acordo com suas convenções. O texto psicanalítico também será sempre uma interpretação que deve ser bem argumentada, e levar em consideração o entrelaçamento entre as opções de tradução, e a importância teórica de cada escolha.

A tradução só pode ser transformação, embora nem sempre seja vista desta forma, como notamos no desejo de recuperar o texto “original”, no caso do texto psicanalítico devido a características específicas: não se trata somente da questão da conceituação, ou do poder das instituições, ou ainda de como uma determinada concepção de tradução direciona as críticas apresentadas, mas tudo isso considerado a partir do nome de Freud.

Qualquer comentário às traduções, assim como qualquer justificativa, sempre parte do que se entende daquilo que se originou em Freud, seja tentando recuperá-lo, seja desenvolvendo um “retorno” pela diferença, como ocorre com Jacques Lacan.

Como afirma Arrojo (1993), o resultado do trabalho lacaniano não é uma recuperação de Freud, mas um *Freud diferente do Freud anterior a essa leitura*, e de um *Lacan diferente do que poderia ter sido antes desse movimento* (p.106). Ainda de acordo com a autora:

Lacan inevitavelmente se apropria do texto de Freud e, ao possuí-lo, ao transformá-lo em outro, destrói- em nome de uma proteção, ou até mesmo de uma "fidelidade"- aquele que Freud podia ser antes desse gesto de amor e ódio, antes dessa penetração tão radical executada pela leitura. O retorno a Freud proposto por Lacan é, irremediavelmente, um retorno através da diferença e da transformação (p.107).

De acordo com Berman (1984), a leitura que Lacan faz de Freud é um empreendimento específico, uma vez que:

interroga a escritura de Freud em um esforço de leitura-tradução para nos abrir, de um lado, os *Grundwörter* freudianos (*Trieb, Anlehnung, Verneinung, Verwerfung*, etc.) de outro, a complexidade da trama de sua língua e de suas imagens. (pp.282-283)

Em relação à leitura-tradução dos *Grundwörter* freudianos feita por Lacan, uma afirmação do **Seminário 17** a respeito do termo *Trieb* nos interessa particularmente, pois corrobora o que estamos considerando como *funcionamento do discurso psicanalítico*. Lacan declara, em relação à tradução de *Trieb* por *instinto*:

mas, afinal, não é sem razão que esses deslizamentos se produzem, e embora venhamos insistindo há muito no caráter aberrante dessa tradução, temos mesmo assim o direito de tirar algum proveito dela. Não certamente para consagrar, sobretudo a este propósito, a noção de instinto, mas para lembrar o que, do discurso de Freud, a torna habitável - para tratar, simplesmente, de fazer com que esse discurso seja habitado de outra maneira (1992, p.14).

Mesmo que a tradução por *instinto* seja considerada *aberrante*, ela pode ser utilizada para mostrar as diferenças entre esta tradução e a adotada (*pulsão*). Mais ainda: de acordo com Lacan, é o próprio discurso de Freud que possibilita que haja uma determinada leitura que privilegia o uso de *instinto*. E é também este mesmo discurso que pode ser *habitado de outra maneira*, na qual a palavra *pulsão* é vista como mais adequada em algumas ocasiões.

A afirmação de Lacan confirma o fato de que a própria obra freudiana possibilita várias leituras, das quais a sua é apenas uma das leituras possíveis. Embora Lacan pudesse trazer respostas à questão da tradução, optamos por não seguir seu caminho, uma vez que seu trabalho ultrapassa o escopo das discussões sobre tradução que estamos

propondo, principalmente porque recorreremos à tradução enquanto ponto de partida. Mesmo que algumas concepções psicanalíticas façam parte de nossas reflexões, estamos privilegiando os efeitos da tradução na psicanálise a partir da tradução, e o contrário seria recorrer à psicanálise para tratar da tradução, ainda que haja uma interdependência desses caminhos; especialmente porque os comentários às traduções têm como pano de fundo concepções psicanalíticas, tanto no emprego da tradução por Freud como no resgate de suas intenções.

No caso da tradução do texto de Thom: sempre procuramos ser fiéis aos nossos objetivos, que iam desde mostrar as diferenças na tradução, às vezes no próprio texto, às vezes por meio das notas, até utilizar um vocabulário de uso comum em publicações recentes, com o intuito de contrastá-lo com as traduções existentes. “Transformamos” o texto de Thom em outro obedecendo a critérios estabelecidos para a tradução. Juntamente com Derrida (1975), podemos concordar que:

(...) a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se esta diferença nunca é pura, a tradução também não o é, e temos de substituir a noção de tradução por uma noção de transformação: transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro. De fato nunca temos nem teremos contato com qualquer “transporte” de significados puros que o instrumento - ou o “veículo” - significante tivesse deixado virgem e intacto, de uma língua para outra, ou no interior de uma mesma e única língua (p.30).

A tradução está sujeita a algumas regras que a orientam, que incluem desde as perspectivas do grupo até as circunstâncias de sua realização, além dos objetivos aos quais se propõe explicitamente: cabe ao tradutor obedecer às normas ditadas pelo grupo ao qual sua tradução será destinada. Qualquer que seja a tradução escolhida temos um efeito dela no discurso psicanalítico que, em um determinado momento, pode ter sido útil.

Uma mesma palavra pode ter várias traduções, cada qual destinada a leitores distintos, como vimos no caso de *Trieb*, cuja tradução por *instinct* é defendida por alguns (por exemplo, Robert), enquanto *pulsion* é defendida por outros (por exemplo, Michaud e Bettelheim). Como já foi dito, Strachey, na **Standard Edition**, atendeu às perspectivas específicas da época em que a traduziu, o que podemos confirmar com Albuquerque(1993):

A psicanálise tinha que ser inserida num contexto intelectual marcado pela “assepsia científica”, com tradição experimentalista. A tendência era de apropriação da psicanálise pelo discurso médico, lapidando-a de forma a ser assimilada sem grandes discrepâncias com as correntes científicas da época (p.18).

Muitos aspectos que caracterizam a psicanálise atualmente diferem das tendências seguidas por Strachey, como notamos nas críticas à **Standard Edition** apresentadas no segundo capítulo. Perspectivas diferentes daquelas que caracterizaram a tradução inglesa passaram a fazer parte da psicanálise, como uma maior preocupação com o seu *lado*

flutuante. A partir desta situação, diferente das condições em que a obra freudiana foi traduzida, novas opções e, conseqüentemente, novas interpretações são apresentadas, tendo outros efeitos sobre o discurso psicanalítico.

Se não é sem razão que esses deslizamentos se produzem, como afirma Lacan, é porque pode haver mais do que uma tradução para uma mesma palavra, uma vez que ela não corresponde a um conceito único, unívoco, ou a um sentido totalmente identificável. Cada tradução poderá ou não ser utilizada por um grupo, dependendo de suas concepções teóricas e do que julga ser correto. Não é o caso, então, de achar que sempre a tradução deixou a desejar, ou que sempre é secundária em relação ao “original”, como normalmente ocorre. É preciso que o tradutor leve em conta as questões conceituais e as implicações teóricas de cada opção tomada, o que não implica, no caso da tradução de textos psicanalíticos, que apenas psicanalistas possam, ou devam, encarregar-se das traduções.

A conscientização de que a tradução só pode ser outro texto é um dos pontos principais: cabe ao tradutor a responsabilidade por esse novo texto, por sua “sobrevivência”, apesar de qualquer noção de “perda” que possa estar cercando a tradução. Como afirma Jacqueline Mehler (1992) no *Informativo de la Asociacion Psicoanalitica Internacional*:

O problema da transmissão da psicanálise em relação às traduções da obra de Freud em idiomas diferentes, bem como as conseqüências das traduções “errôneas” sobre as compreensões e incompreensões de nosso trabalho científico

é um dilema importante, objeto de crescente atenção por parte de muitos acadêmicos (...) Em meio a nossos esforços para encontrar uma resposta a estes problemas, freqüentemente nos encontramos tendo que eleger entre soluções más ou piores... e assim, uma vez mais, afirmando nossa tarefa de ter que mediar entre os desejos, a frustração e a realidade (pp.19-20).

Apesar do desejo do resgate, a realidade, como coloca Melher, é outra, e vem acompanhada da frustração. A tradução, na maioria das vezes, é considerada um problema quase sempre sem solução (ou entre soluções *más e piores*): na esperança de encontrar uma resposta a esses “problemas”, não se assume a multiplicidade, ao contrário, há um desejo pela totalização, pela possibilidade de uma significação plena, única.

A partir de uma concepção de tradução na qual se cultua o “original” único e espera-se resgatá-lo, surgem as críticas às traduções, principalmente à **Edição Standard Brasileira**, não só por ter sido traduzida de uma tradução, como pela *descaracterização do estilo de Freud* (Souza, 1989a, p.159).

As diferentes traduções podem ser vistas como conseqüências do fato de que cada uma é resultado de uma leitura e de uma interpretação feitas sob determinadas circunstâncias, o que ocorre também com a tradução de uma tradução, ou com uma revisão das obras de Freud: dependendo das condições, pode surgir um novo texto, um “original”. Como coloca Derrida (1982) : *quando uma tradução é retraduzida (...), se ela*

tem a força de um acontecimento, torna-se um original; há sempre uma estrutura "original-tradução", mesmo se as traduções são retraduzidas (p.195).

A **Standard Edition**, mesmo criticada, *tornou-se um original*. Apesar das críticas à cientificidade, ou ao fato de representar o “Freud de Strachey”, o “*verdadeiro*” *texto original*, segundo Steiner (1988), *sobrevive especificamente fundamentado em sua capacidade para elucidar novas questões através de sua constante reinterpretação* (p.193). Este “original” tanto pode ser o texto que o autor escreveu, mas que não lhe pertence, como pode ser aquele que o tradutor escreveu e que também não lhe pertence, uma vez que cada leitor fará uma interpretação do texto, seja ele “original” ou traduzido. A tradução responde *a esta demanda de sobrevivência que é a própria estrutura do texto original* (Benjamin, apud Derrida 1982, p.162).

A tradução, enquanto produção, permite que um termo psicanalítico funcione de uma certa maneira no interior do texto, e que este texto tenha um funcionamento em um determinado discurso, mas sempre a partir de uma perspectiva, que pode ser a do tradutor, a do editor, a das associações, escolas ou correntes psicanalíticas, ou uma combinação desses elementos. Para que um texto tenha “força” e funcione como um “original”, como afirma Derrida, é preciso que se constitua em uma verdadeira produção de sentidos, não como um resgate, mas como uma leitura crítica, engajada em um tempo e lugar: uma transformação de um texto em outro, a partir da qual se pode garantir a sobrevivência do discurso psicanalítico, uma vez que a tradução tem um papel primordial para que haja uma definição de seus próprios conceitos.

Mesmo os psicanalistas citados (Carone, This, Thèves, Robert, entre outros), que buscam uma aproximação com o “original” através de seu resgate, sabem que os textos psicanalíticos funcionam de uma determinada maneira no interior de um discurso, e procuram explicações para este funcionamento, como é o caso das *fissuras* para Thom. Apesar de as *fissuras* entre os conceitos psicanalíticos permitirem uma elucidação do que ocorre, elas não são consideradas ao se tratar da tradução, ou seja, posturas distintas são apresentadas perante o texto de partida e a tradução, embora possamos considerar um e outro como o resultado de uma teorização psicanalítica, de uma fidelidade a determinadas concepções.

Ao buscarmos um esclarecimento para a questão da tradução de psicanálise, a opção mais condizente com a concepção defendida foi recorrer ao próprio Thom, empregando sua proposta de investigação das *fissuras* à tradução, em uma tentativa de aclarar o paradoxo do discurso psicanalítico: a existência da multiplicidade, ao lado de uma busca pela univocidade, isto é, a existência de vários significados, e a escolha por um, que será privilegiado em uma determinada leitura- tornando-se único naquele caso. O termo sobre o qual recaiu a escolha do tradutor desencadeará outras leituras, iniciando um novo processo de significação que, por sua vez, demandará novo lance de dados, dando continuidade ao *jogo*.

2. A questão das “fissuras” e do “noyau” relacionada ao “espaçamento”.

A preocupação com a organização conceitual da psicanálise não é uma preocupação exclusiva de Thom: vários psicanalistas apontam a questão como fundamental para o entendimento da obra freudiana, como vimos em Péraldi, Mahony, Rycroft, Laplanche, entre outros, embora não se defina qual organização está em questão. O propósito de Thom, ao apresentar as *fissuras*, consiste em propor sua investigação no que se refere à ordenação dos conceitos psicanalíticos:

Ao invés de recorrer à verdade e à beleza das formas rituais que precederam a psicanálise, um empreendimento no qual a fantasia inevitavelmente desempenhará seu papel, parece-me mais importante investigar as *fissuras* aparentes na própria organização dos conceitos (p.185, destaque meu).

No caso da tradução, entendemos que essas *fissuras* também funcionam da mesma forma, como algo constitutivo de uma organização, que será estabelecida a partir da produção de sentidos. Podemos afirmar que o fato de não se ter uma aceitação unânime da tradução, e a possibilidade de utilização de vários termos levam à impossibilidade de uma única organização conceitual, visto que os conceitos funcionam de uma certa

maneira para cada grupo, havendo ou não uma delimitação rígida entre eles, ou variações no interior de um mesmo grupo. A tradução deflagra a não totalização de sentidos em uma única palavra, propagando a diferença entre os termos, fazendo com que ocorra uma proliferação de sentidos.

A multiplicidade de traduções de termos psicanalíticos torna possíveis diversas organizações conceituais, visto que, ao mesmo tempo em que se privilegia uma tradução, privilegia-se uma determinada definição do conceito. Portanto, as críticas e os comentários às traduções por mais incisivos que possam ser, não garantem um significado fixo: acontecerá sempre esta multiplicidade.

A *organização conceitual*, desejada por Lagache, a clarificação do *aparelho nocional*, visada por Laplanche e Pontalis permitem compreender, de acordo com Abraham (1995) que, *se existe mesmo uma organização conceitual da psicanálise, ela não poderia mostrar sua unidade segundo formas clássicas de pensamento e sua apreensão requer uma dimensão nova que resta encontrar* (p.193). A tradução de termos psicanalíticos leva Abraham a questionar a própria existência de uma organização conceitual da psicanálise.

Apesar de julgarmos que existe uma ordenação de conceitos, não única, mas direcionada para um grupo, esta afirmação não deixa de ser importante para confirmar a impossibilidade de determinar uma organização conceitual enquanto unidade. Concordamos com ele em relação à *dimensão nova* em que podemos encontrar esta organização: todo o discurso psicanalítico está em uma "outra dimensão", que difere das *formas clássicas de pensamento*. Um exemplo disso é a nossa experiência da tradução do

texto de Thom, na qual há um entrelaçamento de discursos: temos Freud e Lacan, citados em tradução, além da voz autoral de Thom, que utiliza tanto a terminologia freudiana (traduzida por Strachey ou Rivière) como a lacaniana, permeada de alguns termos em alemão. Ao confrontar os termos utilizados, procurando estabelecer as diferenças entre eles, Thom apresenta uma determinada ordenação conceitual, a partir da qual pretende entender o que ocorre na psicanálise.

Minha decisão na tradução de Thom foi optar por seguir a **Edição Standard Brasileira** no caso das citações, apresentando termos que divergiam desta fonte, mas que, por outro lado, eram bastante utilizados em publicações recentes, contrastando com as opções existentes no próprio texto. Escolhemos um caminho para enfrentarmos os *conflitos de tradução*, cujo resultado foi o privilégio de uma determinada organização conceitual, certamente diferente da adotada por Thom, já que fatores específicos distinguem a psicanálise no Brasil, como vimos no caso da **Edição Standard Brasileira**. Da mesma forma, aspectos singulares marcaram nossa tradução, como a própria possibilidade de entrelaçamento de referências, fazendo com que prevaleçam os conflitos ideológicos característicos da psicanálise brasileira.

Os aspectos levantados durante esta tradução também fazem parte de outros textos psicanalíticos, como certos termos utilizados na obra freudiana levantados anteriormente, cuja tradução é discutida e criticada, sem que haja um consenso em torno de um melhor termo a ser utilizado. Isto ocorre porque não há uma delimitação entre o termo e o que ele designa: podemos fazer uma analogia, recorrendo à afirmação de Abraham (1995): *ainda que a casca fique marcada por aquilo que ela abriga, aquilo*

que é ocultado por ela nela se revela (p.192). Acrescentamos a esse aspecto da tradução psicanalítica o fato de a psicanálise apresentar um *noyau oculto e inatingível*, cuja ação *pode ser atestada a cada passo por sua resistência em se submeter a uma sistemática enciclopédica* (pp. 192-193).

A hipótese que apresentamos é a de considerar este *noyau*²² não como o que não pode ser recuperado, mas como algo que escapa a uma rigidez conceitual, que é constitutivo da psicanálise, e pode estabelecer uma relação entre os conceitos, ou seja, que possui um funcionamento semelhante ao das *fissuras* apontadas por Thom. O *noyau* de Abraham representa, no discurso psicanalítico, algo que não se deixa sistematizar, *aquilo que as palavras não saberiam nomear* (Abraham, 1995, p.212). Na tradução, seria a impossibilidade de uma nomeação unívoca, de um termo conter todas as significações possíveis. Vemos isto funcionando no caso do termo *Besetzung*, traduzido na **Edição Standard Brasileira** por *catexia*, apesar de a revisora Vera Ribeiro preferir *investimento*. Gabbi Júnior (1995) o traduz por *ocupação*, e explica em nota que:

As opções *investir*, *investimento* não são totalmente consistentes quando aplicadas a *Entwurf*. Se algo estiver ocupado, estará dotado de uma certa quantidade de movimento; se estiver vazio, estará em repouso. Aqui, pelo menos, a analogia é derivada da física e não da economia (p.116).

²²Optamos por conservar o termo *noyau* em francês, uma vez que sua tradução para o português *núcleo* (ver referências bibliográficas) pode remeter à noção de *centro* ou de *ponto essencial*. Uma tradução mais próxima das reflexões que estamos propondo seria *caroço*.

Desta forma, o sentido de *Besetzung* está sendo produzido a partir do contexto em que o termo é utilizado, e em relação aos demais conceitos aos quais é associado neste texto de Freud. Entretanto, em outros casos, a “analogia” poderá ser derivada da economia, tornando o termo *investimento* mais adequado do que o termo *ocupação*.

O sentido é produzido a partir do encadeamento existente entre os termos que fazem parte de uma cadeia de significação, uma vez que nenhum termo significa sozinho, mas a partir das marcas de diferenças em relação a todos os outros termos. Quando Abraham (1995) afirma que o *noyau, invisível, mas atuante, confere seu sentido a toda construção* (1995, p.194), podemos entendê-lo como algo que permite a produção de sentido e estabelece o entrelaçamento entre os elementos significante. Como afirma Derrida:

Na medida em que aquilo a que chamamos o “sentido” (para “expressar”) é já constituído por uma textura de diferenças, na medida em que já há um *texto*, uma rede de repercussões textuais de *outros* textos, uma transformação textual em que cada termo “pretensamente” “simples” é marcado pela marca de um outro, a presumida interioridade do sentido é já trabalhada pelo seu próprio exterior (1975, p.42).

A produção de sentidos depende da rede de diferenças, do encadeamento de textos. Para que haja essa produção, a tradução precisa levar em conta as convenções estabelecidas pelas instituições psicanalíticas; do mesmo modo, essas instituições vão

fazer uso das traduções, e os encadeamentos de sentido que forem formados acarretarão determinado efeito no discurso psicanalítico, podendo ou não ser modificado, implicando novas traduções. A própria organização conceitual da psicanálise passa por mudanças acompanhando as transformações que ocorrem com as traduções.

As *fissuras* na tradução dos conceitos psicanalíticos aparecem, então, como uma impossibilidade de organização totalmente fechada, como algo que pode explicitar as relações entre eles, mas não resolvê-las de forma unitária. Elas podem ser vistas como parte da psicanálise, na qual há *descontinuidades e emaranhados*; e não é possível uma *sistematização enciclopédica*, o que pode ser evidenciado pela possibilidade de várias traduções, ou seja, na tradução a não sistematização torna-se mais aparente, uma vez que é preciso traduzir esta descontinuidade.

A tradução deflagra a impossibilidade de um termo bastar-se por si próprio, implicando a impossibilidade de se “fixar” uma palavra como detentora de todo o sentido de um conceito. Há sempre algo que “escapa” à definição de um conceito, ou, como afirma Abraham:

Sob a égide de suas definições de aparência clássica, fingindo, em suas discussões, seguir uma racionalidade ingênua, o **Vocabulário da Psicanálise** põe em evidência, na casca dos vocábulos, a existência de descontinuidades e emaranhados (p.212).

Deste modo, propomos o entendimento do “*noyau*” apresentado por Abraham como as *fissuras* apresentadas por Thom, considerando-os como a “engrenagem” que falta para que ocorra a significação. As *fissuras* revelam a inviabilidade de qualquer dicionário, como é o caso do **Vocabulário da Psicanálise** de fixar *os estatus (sic) da “coisa” psicanalítica, tanto em suas relações com o mundo exterior quanto em relação consigo mesma* (Abraham, 1995, p.192) demonstrando também, que

a teoria psicanalítica se recusa, pois, energicamente a toda tentativa de refundição ou de reajuste. Diante dessa constatação, uma única via permanece aberta: buscar o que, por detrás de suas contradições e de suas lacunas, ela consegue comunicar. (p.193)

Trata-se, então, de um jogo de diferenças que determina a formação de sentidos a partir da relação de um termo com o outro, no interior de uma cadeia textual, na qual, como afirma Derrida (1975):

nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter para um outro elemento que em si próprio não está simplesmente presente. Este encadeamento faz com que cada “elemento” (...) se constitua a partir da marca que existe nele dos outros elementos da cadeia ou do sistema. Este encadeamento, esta textura, é o texto que só se produz na transformação de um outro texto. (p.36)

Ao considerarmos as *fissuras* como determinandes da produção de sentido na tradução, podemos relacioná-las à noção de *espaçamento* (*pausa, branco, pontuação, intervalo em geral, etc*) *que constitui a origem da significação* (cf. Derrida, 1973, p.83). O *espaçamento* designa a intervenção dos intervalos, o espaço e ao mesmo tempo o entrelaçamento entre os termos: *a intervenção regulada do branco, marcando a suspensão e o retorno na cadê(nc)ia textual* (cf. Santiago, 1975, p33).

Se, por um lado, a perspectiva *desconstrutivista* de Derrida proporciona determinados questionamentos e um outro modo de encarar a tradução, por outro, para a *desconstrução* é difícil qualquer definição. Toda conceituação que parta dessas concepções constitui, sempre, uma tentativa, uma vez que não preenche toda a gama de significações (e nem é possível que isso ocorra), além de estar fadada a também ser “desconstruída”. Como declara Derrida (1985) em relação à tradução da palavra *déconstruction*:

Para ser bem esquemático, diria que a dificuldade de definir e, portanto, também de traduzir a palavra "desconstrução", resulta de que todos os predicados, todos os conceitos definidores, todas as significações lexicais e mesmo as articulações sintáticas, que parecem um momento se prestar a essa definição e a essa tradução, são também desconstruídas ou desconstrutíveis, diretamente ou não, etc. (p.392).

A afirmação de Derrida a respeito da definição e da tradução do termo *desconstrução* pode se estender para outras definições e traduções, ou seja, em um momento tal termo ou tal tradução foram privilegiados, mas poderão ser outros, em um outro momento e meio, dependendo do *valor de uso* que lhe for atribuído. Não se trata apenas de escolher um termo ou outro, mas das implicações desse termo para o discurso, a teorização psicanalítica em questão, e sua aceitação - ou não- pelas associações autorizadas.

Há uma união entre a tradução e a psicanálise, no sentido de entrelaçamento, ilustrada tanto pela importância que um termo terá como na maneira que funcionará dentro de um discurso psicanalítico específico, como tenho insistido. A tradução não se limita a ser um texto em outra língua, porque passa a fazer parte do discurso psicanalítico, interferindo, modificando, garantindo sua “sobrevivência” (cf. Benjamin, 1992).

Uma palavra e um texto possuem uma ampla possibilidade de significação, entretanto, de acordo com o *valor de uso* em questão, de acordo com o *jogo*, isto é, com a possibilidade de *substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito* (Derrida, 1971b, p.244), evidencia-se a possibilidade de existência de várias traduções para um mesmo termo, uma vez que o contexto muda de uma época para outra e até na mesma época, quando se trata de grupos diferentes. Há uma multiplicidade de traduções, mas isso acontece, principalmente, devido ao próprio funcionamento da organização conceitual da psicanálise, na qual os conceitos são depreendidos não só por aquilo que dizem, mas especialmente por seu entrelaçamento com os demais conceitos.

A nossa abordagem das concepções apresentadas por Derrida não pretende legitimar as diversas traduções que podem ocorrer, mas esclarecer os aspectos que as tornam possíveis dentro de uma determinada perspectiva. Também não pretendemos abranger todos os campos de suas reflexões sobre a tradução, mas pontuar apenas alguns aspectos, que, de certa maneira, corroboram nossa discussão. Nesse caso, o *espaçamento* de Derrida relacionado às *fissuras* de Thom representa nosso maior interesse, e é a partir desta relação que procuramos explicar a tradução da psicanálise enquanto algo não totalmente sistematizável, como a própria psicanálise também não o é, uma vez que há várias maneiras de entendê-la e interpretá-la, o que pode conduzi-la por diferentes caminhos.

QUARTO CAPÍTULO

Conclusão: Fissuras e espaçamento, psicanálise e desconstrução.

Seguindo a afirmação de Thom de que é preciso *subverter o resíduo logocêntrico da psicanálise, não por decreto filosófico, mas pela investigação das fissuras que aparecem na ordenação interna de seus conceitos* (1981, p. 171), também é preciso subverter uma determinada concepção de tradução, assumindo-a como transformação, como um novo texto, produzido a partir de uma trama de significações, na qual a construção de sentido acontece a partir das diferenças de um termo em relação ao outro.

Concordamos com Berman (1984) quando afirma que a princípio

a psicanálise considerou a tradução como um dos problemas de sua própria renovação, mas isto a conduziu incessantemente a se questionar mais sobre a essência da tradução e - o que nos importa aqui- a redescobrir o lugar que ocupava, *no próprio interior do pensamento de Freud*, o conceito de tradução como conceito operacional. (p.296)

Retomando nossas considerações anteriores, vimos que, a partir da tradução do texto de Thom, dos dicionários e dos comentários sobre outras traduções, alguns fatores principais constituem a “cena” da tradução psicanalítica: a importância do poder

institucional, a busca pela fidelidade ao texto “original” e a recorrência a Freud, não só às suas supostas intenções, como também à sua utilização de um determinado conceito de tradução. O processo de tradução enquanto transformação do texto psicanalítico parte de características específicas, destacando-se entre elas o próprio poder do nome de Freud e as consequências do processo para a psicanálise. Ao lado deste aspecto, está o poder não menos importante- das instituições psicanalíticas, no que se refere a disputas terminológicas e teóricas. Mesmo que grupos diferentes defendam idéias distintas, essas diferenças não são atribuídas a concepções divergentes, e a tradução, enquanto algo que deflagra essas diferenças, faz com que apareça o incômodo de alguns psicanalistas e tradutores: a impossibilidade de se fixar um só sentido e as decorrências dessa impossibilidade, que são constitutivas da própria psicanálise, de suas *fissuras*, do “*noyau*” que a constitui.

Não há um sentido único, totalmente delimitado, pois a própria psicanálise possibilita uma abertura para ângulos diversos: o emprego dos termos e a definição dos conceitos dependerão da construção desses sentidos dentro de um contexto específico. Devido à ausência de um código infalível, podemos dizer que a diferença entre significante e significado nunca é radical e absoluta, e a possibilidade da tradução é limitada, mas não anulada, porque o significante e o significado estão longe de ser aderentes ou idênticos, há sempre uma distância entre eles (cf. Derrida, 1975, p.30). A não existência de um código imutável, de um centro absoluto, faz com que cada tradução seja feita a partir da possibilidade do *jogo* linguístico, e das relações entre os indivíduos

envolvidos, uma vez que o sentido é produzido no interior de e para um determinado grupo.

A tradução privilegia um dos sentidos possíveis, uma vez que implica sempre uma escolha, possibilitando a transformação do texto de acordo com cada leitura, que sempre deixa margem para outra leitura daquele que é, supostamente, um mesmo texto. Ao lado da possibilidade de transformação, temos a impossibilidade de pregar um significado a um significante de uma vez por todas. Dessa maneira, como defende Derrida, não há um *significado transcendental*, constituído no *horizonte de uma traduzibilidade absolutamente pura, transparente e unívoca* (Derrida, 1975, p.30), uma origem absoluta de sentidos: o sujeito constrói os significados baseado em tudo o que o constitui e no *jogo de diferenças*.

Há, então, a possibilidade de coexistência de diversas direções significantes em um mesmo conceito, isto é, várias palavras podem ser usadas, sem que uma esteja mais correta do que a outra, mas cada uma tem um desenvolvimento específico no interior do discurso em que está sendo utilizada. Por isso traduzimos *Verneinung* por *denegação*, favorecendo uma determinada rede de significação, considerada, em nossa leitura, mais adequada ao contexto em que Thom emprega o termo; enquanto Vidal opta por *negação*, como na **Edição Standard Brasileira**, que para ele ilustra melhor o conceito tratado por Freud.

Juntamente com Derrida, podemos afirmar que os elementos se relacionam uns com os outros no *jogo sistemático de diferenças, das marca de diferenças, do espaçamento* (1975, p.36). *O espaçamento é o não percebido, o não presente, o não-*

consciente (1973, p.83), de acordo com o qual um elemento só funciona e significa a partir do traço inscrito nele de outros elementos da cadeia, sendo necessário um intervalo que o separe daquilo que não é ele próprio. Ainda como afirma Derrida: *espaçamento significa também, justamente, a impossibilidade de reduzir a cadeia a um dos seus elos ou de privilegiar absolutamente um - ou outro* (1975, p.106).

Na tradução da psicanálise, ao lado do *espaçamento*, constitutivo da produção de sentidos, consideramos as *fissuras*, como um inacabamento do discurso psicanalítico. As *fissuras* são caracterizadas não só pela associação de uma palavra a outras, como pelas diferenças e pela possibilidade de substituição dessas palavras. Podemos recorrer à utilização das *fissuras* por Derrida, para quem elas representam: *a necessidade do intervalo, a dura lei do espaçamento* (1973, p.245).

O *espaçamento* e as *fissuras* enquanto “algo” que escapa a uma ordenação metódica, constituem o *movimento do jogo*, a impossibilidade de uma organização totalmente fechada. Esta impossibilidade de fechamento, ao lado da impossibilidade de um significado único, que seja independente de qualquer leitura e de qualquer perspectiva, corrobora a idéia de que o significado sempre é resultado da produção de um sujeito. Para que haja a produção de um texto, a transformação de um em outro, é necessário privilegiar um significado naquele momento, ou seja, as possibilidades de significação são anuladas, permanecendo apenas uma que será privilegiada, de acordo com as “forças” em questão. A afirmação de que traduzir é transformar implica, assim, considerar o *jogo* lingüístico, as diferenças, e suprir a ausência de centro e de origem, ocupando, apenas temporariamente, um lugar que poderá ser mudado, quando as

perspectivas, o tempo e as circunstâncias também mudarem, e a tradução mostra bem isto.

As traduções feitas em épocas diferentes (...) tendem a ser feitas sob condições diferentes, não porque sejam boas ou más, mas porque foram produzidas com o intuito de satisfazer exigências diferentes. Não se pode enfatizar o suficiente que a produção de traduções diferentes, em épocas diferentes, não indica nenhuma “traição” de critérios-absolutos, mas, sim, a ausência, pura e simples, de qualquer critério absoluto. Estes são os fatos da vida na produção - e no estudo- de traduções (Bassnett e Lefevere, citado em Arrojo, 1994, p.45).

A tradução é feita a partir da possibilidade do *jogo* lingüístico, e das relações entre os indivíduos envolvidos. Não é possível alcançar um idioma divino, unívoco, acima de qualquer diferença:

se as palavras e os conceitos só adquirem sentido no encadeamento de diferenças, não se pode justificar sua linguagem, a escolha dos termos, senão no interior de uma tópica e de uma estratégia histórica. Portanto, a justificação não pode jamais ser absoluta e definitiva. Ela responde a um estado das forças e traduz um cálculo histórico (Derrida, 1973, p.86).

Ao traduzir, o tradutor coloca sua interpretação, privilegiando, necessariamente, um sentido e não outro. O sentido escolhido, além de não ser o único, pode ainda ser deslocado a qualquer momento, quando se fizerem outras traduções ou leituras desse “mesmo” texto. Juntamente com Kofman, podemos afirmar que *a tradução “decide” por um certo sentido, e não inocentemente* (cf. Kofman, 1984, p.47), como podemos observar no caso da tradução do termo *Verdrängung*. Gabbi Júnior o traduz por *repressão*, consciente das possíveis consequências de sua escolha, e justifica com a seguinte nota:

Traduzimos o termo *Verdrängung* por *repressão* por considerar que *recalque* é, e foi, utilizado para marcar a influência da psicanálise lacaniana no nosso meio (...). Na língua portuguesa, o prefixo *re* indica, segundo o Aurélio, “movimento para trás”; “repetição”; “intensidade”; “reciprocidade”; mudança de estado”. Em alemão o prefixo *ver* indica várias possibilidades; para nós é suficiente assinalar “afastar-se de”; “executar ou intensificar uma operação”. Assim, *Verdrängung* assinala a execução do afastamento da ação caracterizada pelo verbo *drängen* (*impelir*) (1995, p.178).

Qualquer tradução, e até qualquer palavra, como afirma Derrida (1985), *extrai seu valor apenas da sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis, nisso que chamamos tão tranqüilamente um “contexto”*(p.392), podendo sempre haver uma outra tradução, ou uma outra palavra, que substitua a anterior em um contexto diferente. No

caso citado, a tradução por *repressão* corresponde melhor às noções tratadas no **Projeto de uma psicologia**, a partir da visão defendida por Gabbi Júnior, e pelo grupo que representa. A partir da designação de um conceito por um termo ou outro, e de sua relação com os demais conceitos, temos também uma determinada organização conceitual, que será adotada por um grupo, mesmo que não seja uma escolha explícita.

A possibilidade de substituições e de transformações no interior de diferentes discursos ocorre graças ao *jogo*, à ausência de um *significado transcendental*, de um significado único e à possibilidade de relações dentro de um campo de significação. A ausência de centro é substituída por um signo flutuante, o *suplemento*, que ocupa um lugar apenas temporariamente. O *movimento da suplementaridade* constitui o *movimento do jogo*, através do qual ocorre a tradução, já que é a partir do *jogo* que acontece a produção de significação. O *jogo*, de acordo com Kofman (1984), *disseca as palavras, reinscreve-as em seqüências que elas não comandam mais* (p.31). Podemos acrescentar que o *jogo* é a possibilidade de:

substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito. Este campo só permite estas substituições infinitas porque é finito, isto é, porque em vez de ser um campo inesgotável, como na hipótese clássica, em vez de ser demasiado grande, falta-lhe algo, a saber, um centro que detenha e fundamente o jogo das substituições (...) este movimento do jogo, permitido pela falta, pela ausência de centro ou de origem, é o movimento de suplementariedade (Derrida, 1971b, p.245).

A possibilidade desse *jogo* de substituições é encontrada em qualquer tradução, e, especialmente, na tradução de termos psicanalíticos, pelo fato de haver várias concepções, defendidas por diferentes grupos, e cada uma delas apresentar uma trama específica, em que funcionam tais conceitos. Em concordância com Berman (1984), vemos a *(re)tradução tornar-se igualmente uma das maiores preocupações de uma reflexão, e o caminho que reabre o autêntico acesso de um pensamento* (p.283).

Tanto o tradutor quanto o psicanalista assumem, na elaboração de seu trabalho, uma postura teórica embora não se fale explicitamente numa teoria de tradução ou numa teoria psicanalítica, há sempre referenciais teóricos imanentes a seu trabalho. No caso da tradução do texto de Thom, a minha visão da psicanálise, juntamente com as perspectivas da tradução, levaram a determinadas escolhas, sendo fiel a determinados fatores nesta situação específica, marcada principalmente pelo entrelaçamento de referências, característico da psicanálise brasileira.

Através do *jogo*, temos a produção de sentidos, como afirma Derrida: *o advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação de signos* (1973, p.08). Contudo, esta produção não se enquadra em normas impostas sem o respaldo daqueles que irão utilizá-la, como percebemos no caso das traduções que são autorizadas pela IPA, mas não são de uso comum entre algumas correntes psicanalíticas. Paralelamente ao vocabulário “autorizado”, aparece, então, o “utilizado”, que acaba por ser legitimado, independentemente de uma instituição oficial que lhe dê crédito. Como foi dito várias

vezes, nenhuma palavra pode ser considerada totalmente adequada ou inadequada, especialmente quando se trata de termos psicanalíticos, ela significa sempre dentro de um determinado contexto, de acordo com certos interesses.

Esta influência da tradução ocorre, de qualquer maneira, mesmo em versões não “oficiais”, isto é, há uma versão “reconhecida”, a **Edição Standard Brasileira**, apesar de a tradução ser considerada insatisfatória, como vimos nas diversas críticas apresentadas por Carone e por Souza. Miriam Schnaiderman (1982), tradutora da **Gramatologia**, acrescenta:

O desrespeito que se vem tendo na tradução dos conceitos freudianos é um dos índices do menosprezo que nossa cultura vem tendo para com a escrita (...). E o menosprezo pela escrita de Freud é sintoma da postura que vê a escrita como mera técnica, postura que passa a dirigir qualquer leitura e transformar qualquer texto em um mero texto técnico (p.104).

Ao fazer esta afirmação, Schnaiderman remete à afirmação de Derrida (1973) de que *nunca a noção de técnica simplesmente esclarecerá a noção de escritura* (p.10), o que nos leva novamente ao fato de a significação ser produzida através do *jogo*, uma vez que, ainda de acordo com Derrida (1973), *será necessário pensar que a escritura é o jogo na linguagem* (p.61). O *jogo* constitui a possibilidade de substituições, que ocorre a partir da articulação dos elementos, marcada pelo *espaçamento*. Trata-se, então, de assumir a pluralidade de traduções, considerando-a importante para a psicanálise, para o

reconhecimento dos vários grupos existentes e mais ainda: é necessário considerar a tradução para que existam diferentes desenvolvimentos. A influência da tradução ocorre desde o momento em que se fazem opções, produzindo sentidos, principalmente porque se considera o poder de decisão de uma determinada instituição que, por sua vez, está produzindo uma teorização, por meio de idéias e fundamentos expostos nos textos traduzidos.

Nesse jogo de influências recíprocas, a tradução interfere no discurso psicanalítico, assim como alguns aspectos desenvolvidos na psicanálise influenciam e explicam o que ocorre nas traduções. A tradução não faz somente a passagem de um sentido a outro, ela determina também os sentidos que podem tomar o discurso psicanalítico. No movimento da tradução (que é também de *trans*-, movimento para além de; movimento de través) passamos também pelo seu funcionamento, tornando visíveis as *fissuras* entre os conceitos e a coexistência de mais de uma organização conceitual.

Juntamente com Péraldi, podemos concluir que os *conflitos de tradução* são decorrentes de uma pluralidade presente na própria psicanálise, pluralidade essa devida a ausência de um *significado transcendental*, ou à não correspondência de uma palavra a um único conceito. Esses *conflitos* podem ser elucidados na medida em que aceitamos que a tradução é parte do *jogo complexo* de significações, caracterizado pela não delimitação do sentido, ou pelas substituições possíveis dentro de um contexto determinado. A tradução, enquanto produção de sentidos, terá efeitos sobre o discurso psicanalítico, ao mesmo tempo em que o aspecto multifacetado da psicanálise, implicará o desenrolar da *operação tradutória*. Da mesma forma que a tradução exerce influência

na psicanálise, ela também recebe influência da própria situação que ajudou a gerar. Essa influência recíproca não se traduz, entretanto, num *círculo vicioso* mas num movimento em espiral, pois essas idas e vindas, essa passagem de uma a outra inscrevem psicanálise e tradução no movimento da *différance*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. A casca e o núcleo. In: ____ *A casca e o núcleo*. Tradução de Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Escuta, 1995. p. 191-212.
- ALBUQUERQUE, Andréa. Sobre o estilo de Freud. In: FIGUEIRA, S. (org.) *A Palavra e o Silêncio: construções do saber psicanalítico na universidade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 9-20.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução. A Teoria na Prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. (org) *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992.
- _____. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. A tradução como "Problema Teórico", as Estratégias do Logocentrismo e a Mudança de Paradigma. In : *Tradterm*, 1994. v. 1, p.39-48.
- ARROJO, R.; RAJAGOPALAN, K. O ensino da leitura e a escamoteação da ideologia. In: ARROJO, R. (org.) *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992. p. 87-92.
- BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. France: Gallimard, 1984.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a Alma Humana*. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Cultrix, 1984.
- CASTRO, Eliana M. *Psicanálise e Linguagem*. São Paulo: Ática, 1992. 2ª ed.
- CARONE, Marilene. Freud em português: uma tradução selvagem. In: SOUZA, P. (org.) *Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989a. p. 160-166.
- _____. Freud em português: ideologia de uma tradução. In: SOUZA, P. (org) *Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989b. p. 166-176.
- _____. Freud em português: tradução e tradição. In: SOUZA, P.(org) *Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989c. p.176-188.
- CESAROTO, O. ; LEITE, M. P.S. *O que é psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 4 ed.

- DERRIDA, Jacques. Freud e a cena da escritura . In: ____ *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria B.M.Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971a. p.179-227.
- ____. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: ____ *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria B.M.Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971b. p.229-249.
- ____. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ____. *Posições: Semiologia e Materialismo*. Tradução por Maria M. C. Barahona. Lisboa : Plátamo, 1975.
- ____. *L' Oreille de l' Autre: Otobiographies, transferts, traductions*. Montréal: VLB Éditeur, 1982.
- ____. Des Tours de Babel. In: GRAHAM, J.F. *Difference in translation*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1985. p. 209-248.
- FREUD, Sigmund (1905-1940). A Negativa. In: ____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção e revisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p.293-300.
- ____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 3ª ed., v.1, '59-60, 197-201, 324-331.
- ____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1970-1990, 24 vs.
- ____. A Psicologia dos Processos Oníricos. In: ____ *A Interpretação dos Sonhos - Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Trad. Walderedo I.Oliveira et al., direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 2ª ed., vs. 4 e 5.
- GRIGOLETO, M. A constituição do sentido em teorias de leitura e a perspectiva desconstrutivista. In: ARROJO, R. (org.) *O Signo Desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992. p.93-97.
- HOLDER, Alex. Reservations about the Standard Edition. In: TIMMS, E., SEGAL, N. *Freud en Exile*, London: Yale University Press, 1988. p. 210-214.
- JUNKER, R. On the Difficulties of Retranslating Freud into English. In: TIMMS, E., SEGAL, N. *Freud in Exile*, EUA: Ed. Yale University, 1988. p.215-219.

- KOFMAN, Sarah. *Lectures de Derrida*. Paris, Galilée, 1984.
- LACAN, Jacques. Produção dos quatro discursos. In: _____. *Seminário 17: o avesso da psicanálise*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p.9-24.
- LAPLANCHE, J.; COTET, P.; BOURGUIGNON, A. *Traduzir Freud*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. Connaître Freud avant de le traduire. In: *Meta: Psychanalyse et Traduction*. Les Presses de l'Université de Montréal, 1982. v.27, n° 1, mars, p.32- 36.
- MAHONY, Patrick. Transformations et déconstruction parricide. In: *L'Oreille de l'Autre*, Québec, VLB Éditeur, 1982a. p.127- 132.
- _____. Towards the understanding of translation in psychoanalysis. In: *Meta- Psychanalyse et Traduction*, Presses Universitaires de l'Université de Montreal, 1982b. v. 27, n° 1, p.63-71.
- _____. Para a compreensão da tradução na psicanálise In: *Psicanálise e Discurso*. Tradução de Lélia Gonzalez, revisão de M.D.Magno. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p.13-26.
- _____. *Freud como escritor*. Tradução de Elizabeth Saporiti. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- MEHLER, Jacqueline A. Sobre multilingüismo. In: *Informativo de la Asociacion Psicoanalítica Internacional (IPA)*. Espanha, 1992. p.17-20.
- MENEZES, L.C. A tradução de Freud : da atualidade de um debate. In: *Revista Brasileira Psicanalítica*, vol. XXIII, n.04, s/d, p. 33-44.
- MICHAUD, Ginette. Freud: N.d.T. In: *Études françaises*, 1988. n° 24, mars, p.125-140.
- _____. Freud: n.d.t. ou Des Affects et Fantômes chez les Traducteurs de Freud. In: *Études sur le texte et ses transformations*, TTR, 1989. v. 02, n° 02, p.105-127.
- PÉRALDI, François. Le faux-sens. In: *L'Oreille de l'Autre*, Québec, VLB Éditeur, 1982a. p.173-176.
- _____. *Psychanalyse et Traduction*. In: *Meta-Psychanalyse et Traduction*. Presses Universitaires de l'Université de Montréal, 1982b. v.27, n° 1, mars, p.09-25.
- PINES, Malcolm. The question of revising the Standard Edition. In: TIMMS, E.; SEGAL, N. *Freud in Exile*. EUA: Ed. Yale University, 1982. p.177-180.
- ROBERT, Marthe. Traduire Freud. In: *Meta- Psychanalyse et Traduction*, Presses de l'Université de Montréal, 1982. v. 27, n° 1, mars, p.29-31.

- SCHNAIDERMAN, Miriam. Derrida em Freud: a tradução impossível e o desvario necessário. In: *Tempo Brasileiro- Em torno de Freud*. Rio de Janeiro, 1982. nº 70, julho/setembro, p.97-108.
- SOUZA, Paulo C. Nosso Freud. In: ____ (org) *Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989a. p. 155-159.
- ____. A "nova" edição de Freud. In: ____ (org.) *Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989b. p.188-190.
- ____. Meandros da edição francesa de Freud, Folha de São Paulo, Ilustrada, 03 de julho, 1994. p.13.
- STEINER, Riccardo. Dis Weltmachtstellung des Britischen Reichs (Notes on the term "Standard" in the first translations of Freud. In: TIMMS, E.; SEGAL, N. *Freud in Exile*. EUA: Ed. Yale University, 1988. p.181-195.
- STRACHEY, James. Prefácio geral do editor inglês. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1990, 3ª ed., v. 1, p.19-30.
- THIS, B.; THÈVES, P. Comment peut-on traduire Hafiz ... ou Freud? In: *Meta-Psychanalyse et Traduction*, Les Presses de l' Université de Montréal, 1987. v. 27, nº1, p. 37-59.
- THOM, Martin. Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud In: *The Talking Cure Essays in Psychoanalysis and Language*. Ed. Colin MacCabe, The Macmillan Press Ltd, 1981. p. 162-187.
- VIDAL, Eduardo A. Comentários sobre "Die Verneinung" In: *Letra Freudiana, Escola, Psicanálise e Transmissão*. Rio de Janeiro: Livraria Dazibao, Ano VIII, nº 05, 1988. p. 16-31.
- VOLICH, R.M. Os dilemas da tradução freudiana e Os postulados da razão tradutora, Folha de São Paulo, Folhetim, 30 de julho, 1989. p.02-06 e 06-11.

Dicionários Consultados

- ALMOYNA, J. M. *Dicionário de Espanhol-Português*. Coimbra: Porto Editora, 1984.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª edição, 15ª impressão, s/d.
- IRMEN, Friedrich. *Langenscheidt Taschenwörterbuch- Dicionário das línguas portuguesa e alemã*. Germany: Langenscheidt KG, 1982.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B.. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 7ª ed., 1975.
- PIETZSCHKE, F.; WIMMER, F. *Novo Michaelis - Inglês/ Português*. São Paulo: Melhoramentos, vol. 1, 45ª edição, s/d.
- REY, Alain.(dir.). *Le Micro-Robert plus*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1988.
- ROBERT, Paul (dir.) *Micro Robert - Dictionnaire du français primordial*. Paris: Le Robert, 1985.
- RYCROFT, C. *Dicionário Crítico de Psicanálise*. Tradução por J.O.A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SANTIAGO,S. *Glossário de Derrida*., Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A..(trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ), 1976.